



portalbenews.com.br

ESPECIAL No Dia Internacional da Mulher, BE News reúne todos os artigos da série Mulheres, da jornalista Nájia Furlan, mais um texto inédito. É um presente a leitoras e leitores em comemoração à data e, ainda mais, um convite para se construir um mundo mais justo e igualitário ► **p9 a p24**

Brasil e Uruguai anunciam licitação de hidrovia

Gustavo Magalhães/MRE



Durante encontro entre representantes dos dois governos, também ficou acertada a construção de uma ponte ligando os dois países ► **p7**

Divulgação/Governo de São Paulo



SP libera rodovia de acesso ao Litoral Norte antes do previsto ► **p6**

Lideranças femininas falam sobre a presença de cada vez mais mulheres no setor de portos e infraestrutura ► **p4 e p5**

CONGRESSO Com presença de ministro, Frente Mista dos Portos e Aeroportos será lançada na próxima semana ► **p3**

REGIÃO SUL Maersk passa a oferecer serviço direto entre o norte da Europa e o Porto do Rio Grande ► **p6**

OPINIÃO Advogado Elias Francisco da Silva Júnior alerta para a questão da empregabilidade do jovem no Brasil ► **p8**

EDITORIAL

Discurso e prática

O desenvolvimento da economia do Brasil passa por sua aproximação com a de outros países da América do Sul. É a partir da união de esforços para integrar seus sistemas de infraestrutura de transportes e impulsionar o comércio exterior dessas nações, que elas vão aumentar e melhor explorar suas oportunidades de crescimento. Nesse sentido, o anúncio, ontem, dia 7, em Brasília, de parcerias e obras entre os governos brasileiro e do Uruguai mostra que ambos entendem a importância dessa agregação e estão buscando trilhar esse caminho,

Como mostra reportagem publicada no Jornal BE News e no Portal Be News nesta quarta-feira, as parcerias entre Brasil e Uruguai divulgadas ontem envolvem principalmente três empreendimentos. Um deles é a criação de uma hidrovía entre as duas nações, garantindo o escoamento de cargas uruguaias pelo Porto de Rio Grande. Há também a construção de uma ponte sobre o Rio Jaguarão, ligando as cidades de Jaguarão (Brasil) e Rio Branco (Uruguai), e a binacionalização do Aeroporto Internacional de Riviera, no Uruguai, próximo à fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul.

No caso da hidrovía, que foi batizada como Brasil-Uruguai, este é um projeto antigo, que vem sendo debatido há décadas entre os dois países e que irá integrar os sistemas de transportes do Rio Grande do Sul com os do país vizinho. Com isso, atrairá cargas da nação sul-americana para o complexo marítimo de Rio Grande, além de facilitar as trocas comerciais entre as nações.

O futuro da América do Sul passa pela sensata harmonização dos planos de crescimento de seus países, por parcerias para um desenvolvimento conjunto. Que os acordos anunciados nessa terça-feira, em Brasília, avancem e as obras previstas sejam realizadas. Que o discurso se torne prática.

NESTA EDIÇÃO



▲ MANCHETE

7 Brasil e Uruguai anunciam licitação para hidrovía

HUB

3 Funcionária da ANTT assume Secretaria Nacional de Transporte Rodoviário

NACIONAL

3 Frente Parlamentar dos Portos e Aeroportos será instalada na próxima semana

Ultracargo firma parceria com o Cubo Itaú

ESPECIAL DIA DA MULHER

4 Presença de mulheres em cargos de liderança só aumenta com políticas de inclusão

REGIÃO SUDESTE

6 Após 16 dias de bloqueio, São Paulo se antecipa e libera Mogi-Bertioga

REGIÃO SUL

6 Maersk passa a oferecer serviço direto entre o norte da Europa e o Porto do Rio Grande

OPINIÃO

8 "Aprendizagem e Empregabilidade", por Elias Francisco da Silva Júnior

CADERNO ESPECIAL

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

9 Série Mulheres, por Nájia Furlan

portalbenews.com.br



Sede
Alameda Campinas, 802, 6º andar,
São Paulo, São Paulo
01404-200, BR

Sucursal Brasília
SRTVS Quadra 701, bloco O, nº 110
Edifício Multiempresarial, sala 520, Bairro Asa Sul
Brasília, Distrito Federal
70340-000, BR

Sucursal Santos
Rua Brás Cubas, 37, Sala 11
Santos, São Paulo
11013-919, BR

Diretor-presidente
Fabrício Julião

Diretor-superintendente
Marcio Delfim

Diretora Administrativo-financeira
Jaclyara Lima

Diretor de Redação
Leopoldo Figueiredo

Editor
Alexandre Fernandes

Equipe de reportagem
Cássio Lyra, Janaína Paiva, Vanessa Campos e Vanessa Pimentel

Diretora de Arte
Mônica Petroni Mathias

Assistente de Arte
Paulo José Ribeiro

FALE COM A GENTE

ATENDIMENTO AO LEITOR

Se você quer perguntar, sugerir pautas ou enviar informações a nossa equipe de jornalistas, escreva um e-mail para atendimento@portalbenews.com.br

INSCREVA-SE

Acompanhe as últimas notícias do Portal BE News. Para isso, inscreva-se em www.portalbenews.com.br

PUBLICIDADE

Maurício Almeida | (11) 99554-4282
mauricio.almeida@portalbenews.com.br

Margrethe Wallau | (11) 99786-1655
megwallau@portalbenews.com.br



Nova secretária 1



A engenheira Viviane Esse é a nova secretária nacional de Transporte Rodoviário do Ministério dos Transportes. Funcionária de carreira da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), ela teve sua nomeação para o cargo publicada na edição dessa terça-feira, dia 7, do Diário Oficial da União. É a primeira vez que uma mulher estará à frente da política nacional de transporte rodoviário no Brasil.

Nova secretária 2

Há 20 anos no setor público, Viviane já ocupou os cargos de superintendente de Exploração de Infraestrutura Rodoviária na ANTT, secretária-executiva-adjunta do Ministério da Infraestrutura, subchefe de Articulação e Monitoramento substituta da Casa Civil da Presidência da República e diretora de Regulação da Educação Superior do Ministério da Educação. Formada em Engenharia Civil pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e graduada em tecnologia em processamento de dados pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps), Viviane é mestre pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), com ênfase em modelos de previsão de desempenho de pavimentos.

Nova secretária 3

Ao comentar os desafios do novo cargo, Viviane Esse afirmou ter certeza “de que podemos resgatar a malha rodoviária nacional de modo a propiciar maior qualidade e segurança a todos os usuários e setores que rodam pelo nosso país”.

Frente Parlamentar de Portos e Aeroportos será lançada na próxima semana

Evento será realizado em Brasília e contará com a participação do ministro Márcio França

Divulgação/SPA



A modernização do Porto de Santos é uma das prioridades do trabalho da Frente Parlamentar dos Portos e Aeroportos

MARÍLIA SENA
redacao@portalbenews.com.br

A Frente Parlamentar Mista de Portos e Aeroportos será lançada oficialmente no próximo dia 14, às 19 horas, em Brasília. O evento, promovido pelo deputado federal Paulo Alexandre Barbosa (PSDB-SP), autor da proposta de criação do colegiado, e pelo Brasil Export, maior fórum sobre Logística, Infraestrutura e Transportes do País, terá a participação do ministro de Portos e Aeroportos, Márcio França.

Entre as prioridades da frente, está discutir as principa-

is demandas dos setores portuários e aeroportuários, como os modelos de gestão e desenvolvimento sustentável, custos operacionais e logísticos e competitividade internacional, analisando os temas tratados pelo próprio Ministério de Portos e Aeroportos.

Em um vídeo publicado em suas redes sociais, o deputado Paulo Alexandre, que irá presidir a frente, enfatizou que vai trabalhar para potencializar dois aeroportos do litoral paulista: um em Guarujá e outro em Itanhaém, ambos na região da Baixada Santista. Além disso, terá a modernização do Porto de Santos (SP), o principal do País, como uma das prioridades. “Vamos trabalhar para fazer a mudança do terminal de passageiros para o terminal central e

tirar antigos projetos que viraram lendas do papel. Resultado concreto, este é o meu objetivo”, disse.

Ex-prefeito de Santos, o parlamentar finalizou ressaltando a importância econômica do porto. “Um terço do PIB passa pelo Porto de Santos, gerando emprego e renda. É fundamental que a gente possa modernizar o porto, fazer obras importantes de infraestrutura, como o túnel ligando Santos a Guarujá”, disse Barbosa, complementando com a já citada transferência do Terminal de Passageiros para a região central do município.

Paulo Alexandre recebeu o apoio de diversos parlamentares para a criação da frente. O requerimento de abertura do grupo de trabalho atingiu 200

assinaturas - duas a mais que o necessário e foi aprovado pelo presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL).

O lançamento da frente parlamentar, no dia 14, será um evento apenas para convidados - autoridades federais e regionais dos setores portuário e aeroportuário e empresários, além de especialistas e diretores de associações do segmento. Mais informações podem ser obtidas pelo email hevelyn@forumbrasilexport.com.br.

No dia 15, também em Brasília, o deputado Paulo Alexandre participará da reunião do conselho nacional do Brasil Export. No encontro, falará sobre os planos para a frente parlamentar e as primeiras ações do colegiado.

Ultracargo firma parceria com o Cubo Itaú

Acordo permitirá que a empresa tenha acesso a todos os hubs que compõem a comunidade

A Ultracargo, maior empresa independente de armazenagem de grãos líquidos do Brasil, se tornou membro do Cubo Itaú, mais relevante hub de fomento ao empreendedorismo tecnológico da América Latina. A iniciativa reúne startups, corporações, investi-

dores e talentos diversos na busca por soluções de tecnologia.

“Temos desafios que requerem abordagens inéditas e um hub como esse tem o potencial de conectar pessoas com um perfil de inovação que complementa e oxigena o tra-

balho que já desenvolvemos internamente”, avalia Anderson Viana, diretor executivo de Engenharia e Desenvolvimento Técnico Operacional da Ultracargo.

Segundo a Ultracargo, a parceria permitirá que a empresa tenha acesso a todos os hubs

que compõem o Cubo Itaú. Entre eles o Cubo Maritime & Port, que visa estimular conexões dentro do ecossistema portuário para gerar oportunidades de transformação, discussões sobre tendências e os desafios que permeiam o futuro da indústria.

ESPECIAL DIA DA MULHER

Presença de mulheres em cargos de liderança só aumenta com políticas de inclusão

Sem planos específicos para o tema, mulheres não acreditam em mudança efetiva no cenário

VANESSA PIMENTEL
vanessa@portalbenews.com.br

No ano passado o **Be News** trouxe uma reportagem sobre o Dia Internacional da Mulher mostrando que apenas 2% dos cargos de diretoria/superintendência existentes nos portos públicos do país eram ocupados por mulheres. A reportagem foi baseada em um levantamento da Associação Brasileira das Entidades Portuárias e Hidroviárias (Abeph), feito no final de 2020.

Na época, dos 5.204 colaboradores, 1.073 eram mulheres e somente oito delas atuavam em cargos do alto escalão. O cenário era diferente para os homens, que lideravam 91

diretorias.

Neste ano, o **BE News** conversou com alguns nomes femininos que se destacaram no setor e uma das perguntas foi o que fazer para mudar, de fato, este cenário.

Para elas, a resposta está em implementar, cada vez mais, políticas de diversidade e inclusão nas empresas, mas com transparência e metas bem específicas, que comprovem uma real mudança com o decorrer dos anos a partir da iniciativa.

A medida já tem sido adotada por algumas companhias. A EcoRodovias, por exemplo, definiu como meta chegar em 2030 com 50% das posições de liderança ocupadas por mulheres, e aos poucos vai colhendo resultados: em 2020 elas eram 26% e atualmente representam 30% dos cargos executivos da

empresa.

A Eco também criou comitês de Diversidade locais e Grupos de Afinidade, distribuídos em cinco pilares: Mulheres, Raça, PCDs, LGBTQI+ e convívio de gerações, além de ser signatária do Pacto Global da ONU, visando o compromisso pela equidade de gênero, entre outros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) traçados pela organização.

A Ultracargo, empresa brasileira de armazenagem de grãos líquidos, tem conseguido ampliar o número de mulheres em seu terminal de Vila do Conde, no Pará, por meio do Programa de Formação Operacional. Como resultado, observa a presença feminina em 30% de suas operações.

Quanto aos cargos de liderança, 18,2% estavam ocu- ▶



Natália Marcassa, CEO da MovInfra

Natália iniciou sua caminhada no setor quando passou em um concurso público na Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), onde chegou a ser diretora. Atuou também como secretária executiva do antigo ministério dos Transportes e secretária de Parcerias no ministério da Infraestrutura na gestão de Tarcísio de Freitas. “Somos poucas no setor e o grande desafio é olhar para a diversidade na hora de selecionar talentos, de avançar nas carreiras. Mas, estamos caminhando porque se fizemos um comparativo com o passado, nem se falava sobre isso”.

Lúcia de Mesquita, diretora da iPORT Solutions

Lúcia de Mesquita começou a atuar no setor de transportes em 1990, na empresa da família. Formou-se em Direito, mas sempre trabalhou com administração. Hoje, entre outras funções, é sócia da iPORT, que oferece soluções tecnológicas para operações portuárias. Em tantos anos na área, Lúcia vê um novo cenário para as mulheres, mais amigável, mas ainda com “diferenças de comportamento sutis quando quem fala é uma voz feminina ao invés de uma voz masculina”. A dica dela para mulheres que querem ingressar na área é: estudem. Muito.



Béatrice de Toledo Dupuy, gerente de Comunicação Corporativa e Sustentabilidade da Santos Brasil

“Eu escolhi duas áreas que são bem estratégicas, a Comunicação Corporativa e ESG – e em ESG, eu consegui ser uma das pioneiras na minha área de atuação no porto, mas até hoje é difícil encontrar mulheres em posição de comando, e mais ainda no setor de sustentabilidade”, explica. Porém, garante que elas têm um espaço “enorme” para ocupar no setor portuário, em todos os cargos de gestão – do cais ao executivo. “A batalha continua, ela é diária”.

ESPECIAL DIA DA MULHER

Elck Fogagnoli, diretora de relações institucionais na Piacentini

Elck começou no setor em 1991, na empresa Rodrimar, onde ocupou muitas funções em 27 anos de companhia, até conquistar o cargo de diretora de Relações Comerciais e Institucionais. Conta que em muitas reuniões que participou – das quais também, muitas vezes, era a única mulher – era comum entregarem a ela um bloco de papel, apenas para anotar as pautas do encontro. “Foram anos até entenderem que eu estava ali ocupando uma posição técnica e com voz”. Para ela, está claro que faltam políticas para cuidar do tema. “No exterior, existem empresas que oferecem o home office por dois anos para mulheres que acabaram de ser mães. Outras oferecem creches dentro dos terminais ou permitem o meio-período, obtendo ótimos retornos de iniciativas assim”.



► dados por elas até o fim do ano passado, crescimento de 1,5% em relação a 2021. Mas a companhia sinaliza, em conjunto com o Grupo Ultra, querer ver mais mulheres ocupando postos do alto escalão e por isso firmou parceria com uma consultoria externa para a construção de um programa focado no tema.

Já a empresa de operações logísticas Santos Brasil contabilizou, nos últimos quatro anos, um crescimento de 44% na participação das mulheres em cadeiras executivas, além de um aumento de 22% no número de mulheres no quadro de funcionários nos últimos três anos – ações que também fazem parte da implementação do Programa de Diversidade e Inclusão, que tem ainda a previsão de 70 ações a serem realizadas até 2025.

Todos esses dados, inclusive, foram passados por uma mulher, Natália Marcassa, que atualmente é CEO da MoveIn-



Rebeca Rossi Rispoli, Especialista de Comunicação Corporativa na DP World

Começou a atuar no setor em 2013, como Relações Públicas e Apoio no desenvolvimento de estratégias corporativas. Já exerceu atividades voltadas para clientes como a Petrobras e Vale Fertilizantes. Para ela, um dos maiores desafios enfrentados pelas mulheres é encontrar um equilíbrio entre as multifunções da vida pessoal e profissional. “Mulheres que são mães, donas de casa, filhas, cuidadoras e parceiras precisam conciliar seus papéis com, por exemplo, cursos superiores e técnicos, que são diferenciais para quem deseja começar a atuar no porto”, explica. Mas, ela analisa que, uma vez inseridas na área, elas são capazes de mostrar suas habilidades e competências. “Por isso, outro desafio é o fomento das carreiras femininas”, destaca.

fra, associação que reúne os principais grupos de infraestrutura do país, entre eles as empresas citadas.

Público x Privado

Natália explicou que discussões envolvendo a implementação de programas para as mulheres já vêm acontecendo no setor privado, mas no público, elas precisam avançar. “É necessário políticas, metas e compromimentos reais quando se fala deste tema. Tudo faz parte de uma governança”, diz.

Béatrice de Toledo Dupuy, gerente de Comunicação Corporativa e Sustentabilidade da Santos Brasil, acredita que hoje não existem mais barreiras de gênero, mas a mulher ainda precisa provar “duas vezes mais do que os homens” que é competente. “É essa mentalidade que tem que mudar e os homens são agentes de transformação nesse processo”, afirma.

Ela lembra que o setor portuário, no passado, era predomi-

Roseneide Fassina, gerente de Recursos Humanos e Qualidade na Transportadora Fassina

Desde 1985, Rose atua na empresa familiar Fassina, e foi recentemente empossada como segunda diretora financeira da Associação Comercial de Santos (ACS). “Não tenho expectativa de que mesmo com a nossa participação em tantas áreas, já tenhamos resolvido a equidade de gênero. Na verdade estamos ainda caminhando em passos lentos”, diz. Para mudanças efetivas, ela cita ser necessário “que os homens que estão na direção abram as portas para as mulheres, para que elas também tragam outras”.



minante masculino e hoje a presença feminina já não é tão incomum, mas reforça que ainda há muito a ser feito, principalmente na questão de equidade de salários.

“As mulheres são minoria nos cargos de liderança e chefia, mesmo tendo qualificação igual ou superior à dos homens”, lamenta.

Dupuy destaca que, segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o investimento nas mulheres impulsiona o desenvolvimento econômico, a competitividade, a criação de empregos e o PIB.

A organização estima que, em média, uma redução de 50% na diferença de gênero levaria a um ganho adicional no PIB de cerca de 6% até 2030.

“Ainda que isso seja uma constatação, é uma pena que esta realidade esteja sendo vista pela ótica do ‘profitability’ (lucratividade) e não pela ótica da equidade especificamente”, explica.

REGIÃO SUDESTE

Após 16 dias de bloqueio, São Paulo se antecipa e libera Mogi-Bertioga

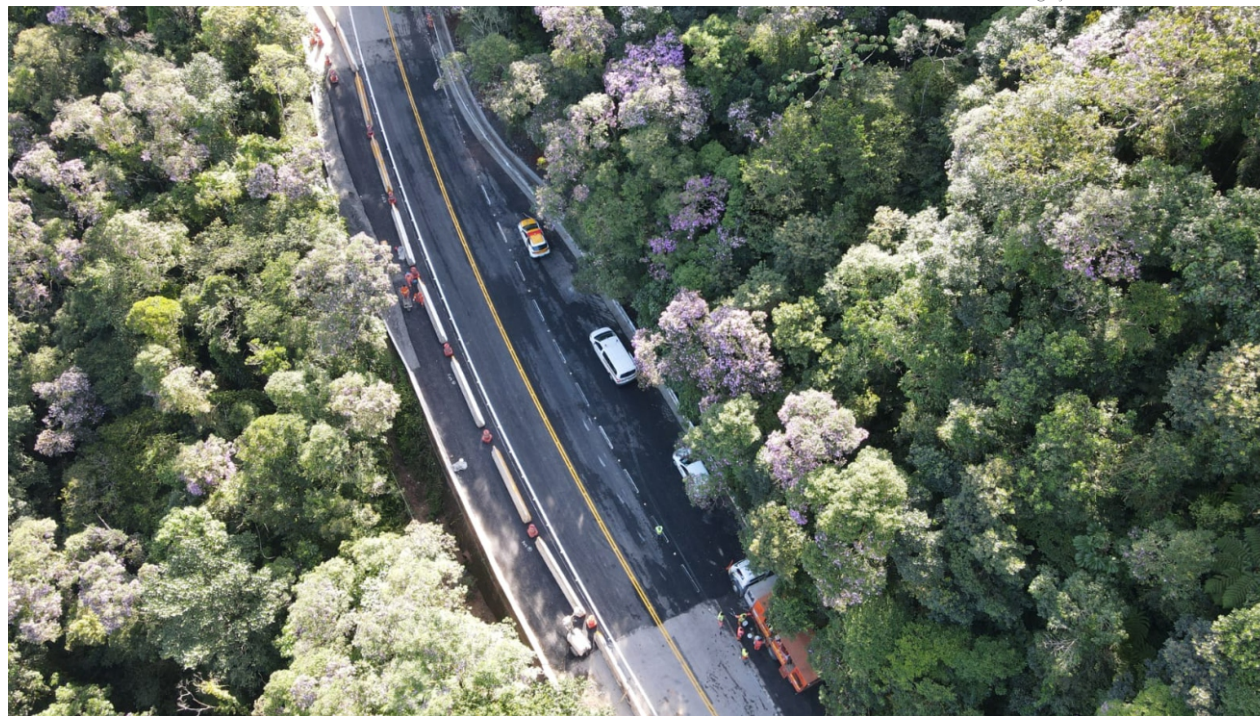
Previsão inicial era de que a rodovia danificada pelo temporal de 19 de fevereiro seria entregue totalmente em até dois meses

Divulgação/Governo de São Paulo

CÁSSIO LYRA
redacao@portalbenews.com.br

O Governo de São Paulo liberou ontem (7) o tráfego da Rodovia Dom Paulo Rolim Loureira, a Mogi-Bertioga, no trecho do km 82, no município de Biritiba Mirim. A via foi atingida por deslizamentos da encosta durante o forte temporal que castigou o litoral do estado, principalmente o Litoral Norte. A rodovia ficou totalmente interditada por 16 dias.

O Governo de São Paulo se antecipou, uma vez que o próprio governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e a secretária de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística (Semil) Natália Resende, afirmaram que a previsão era de que a estrada seria desobstruída e liberada para os motoristas em até dois meses. No início do mês, Tarcísio mencionou durante visita à região que haveria uma liberação parcial para o final de março.



As obras na Rodovia Mogi-Bertioga tiveram a duração de 15 dias, com a rodovia sendo liberada cerca de um mês e meio antes do previsto

De acordo com a Semil, as obras tiveram a duração de 15 dias, com a rodovia sendo liberada cerca de um mês e meio antes do previsto. Segundo a pasta, “diversas frentes de trabalho na região permitiram a antecipação”.

“A liberação antecipada desse trecho da rodovia foi possível graças ao empenho das equipes do DER, que trabalharam intensamente nas o-

bras de recuperação do pavimento danificado. Além disso, os trabalhos continuam para concluir, por exemplo, a construção do muro de contenção e a limpeza de detritos, sempre visando a segurança viária dos usuários”, explicou a secretária Natália Resende.

Conforme explicou a titular da pasta, equipes do Governo Estadual seguirão em outros pontos da pista para concreti-

zar as obras totais do projeto já estipulado. Segundo o Executivo paulista, esses trabalhos terão investimentos de R\$ 9,4 milhões e devem durar até seis meses.

Estragos e cratera

Devido ao forte temporal ocorrido no domingo de Carnaval no litoral de São Paulo, a Mogi-Bertioga ficou totalmente interditada no km 82 após o asfalto

ceder e criar uma cratera devido ao rompimento de tubulação e erosão, em razão dos deslizamentos. Os trabalhos de recuperação e restauração da rodovia se iniciaram dois dias depois.

Além desse trecho, conforme anunciado pelo Governo Estadual, houve uma queda de barreira nos Km 90 e 91 e erosão no Km 87, que causaram interdição e, posteriormente, liberação parcial após trabalhos da concessionária responsável.

A rodovia Mogi-Bertioga é uma das ligações da Região Metropolitana de São Paulo com o litoral do estado, mais precisamente os municípios de Mogi das Cruzes e Bertioga, e é administrado pelo Departamento de Estradas de Rodagem (DER). Equipes da concessionária trabalham ainda na remoção de rochas, sedimentos, reconstrução do pavimento e implantação de tela de proteção.

Segundo a secretária Natália Resende, o novo sistema de drenagem e a instalação de muros de arrimo são serviços elaborados pelo DER.

REGIÃO SUL

Maersk passa a oferecer serviço direto entre o norte da Europa e o Porto do Rio Grande

Serviço chamado de Samba terá escalas direta com o complexo portuário gaúcho a partir deste mês

Gerolf Drebes/Shippotting.com

CÁSSIO LYRA
redacao@portalbenews.com.br

pelo qual as mercadorias entram no território aduaneiro de um país, são transferidas de um meio de transporte para outro e depois deixam o mesmo porto para outro destino.

A Maersk anunciou que o serviço Samba, entre o norte da Europa e a Costa Leste da América do Sul, vai reduzir o tempo de trânsito do Rio Grande para o Velho Continente para até dez dias.

Com essa mudança, o Porto do Rio Grande deixa de integrar o serviço Bossa Nova, o que também foi decidido para melhorar de forma significativa a confiabilidade do novo cronograma.

O último navio Bossa Nova com rotação original será o Maersk Lota - Voyage 310S/312N. E o primeiro Samba com nova rotação será o Cap San Marco - Voyage 308S/313N.



Segundo a Maersk, o primeiro navio que fará a nova rotação do serviço Samba, no qual está incluído o Porto de Rio Grande, será o Cap San Marco

A Maersk, empresa dinamarquesa de logística e serviços de transporte, anunciou que passará a oferecer a partir do mês de março o serviço com rota direta entre o Porto do Rio Grande (RS) e o lado Norte do continente europeu.

De acordo com a empresa, a rota substitui o produto de transbordo, que é a transferência direta de mercadoria de um para outro veículo, o processo

Em comunicado, a Maersk afirmou que monitora constantemente as rotas para garantir que a cadeia de suprimentos se movimente com agilidade,

conectividade e facilidade e continuará fazendo o possível para manter as cargas em movimento com o mínimo de atrasos e interrupções.

Serviço Bossa Nova

Rotação original: Salvador (BA) > Santos (SP) > Paranaguá (PR) > Rio Grande (RS) > Itapoá (SC) > Santos (SP) > Sepetiba (RJ)
Nova rotação: Salvador (BA) > Santos (SP) > Itapoá (SC) > Paranaguá (PR) > Santos (SP) > Sepetiba (RJ)

Serviço Samba

Rotação original: Santos (SP) > Paranaguá (PR) > Buenos Aires (Argentina) > Montevideu (Uruguai) > Paranaguá (PR) > Santos (SP)
Nova rotação: Santos (SP) > Paranaguá (PR) > Buenos Aires (Argentina) > Montevideu (Uruguai) > Rio Grande (RS) > Paranaguá (PR) > Santos (SP)

Brasil e Uruguai anunciam licitação para hidrovia

Representantes dos governos dos dois países participaram de reuniões em Brasília

MARÍLIA SENA
redacao@portalbenews.com.br

Representantes dos governos do Brasil e do Uruguai anunciaram ontem (7) a criação de uma hidrovia entre os dois países. O objetivo é garantir o tráfego seguro de embarcações e o escoamento de cargas pelo porto do Rio Grande do Sul (RS)

“Nas próximas semanas, iniciaremos também a licitação de projeto básico e executivo, acompanhado de estudo ambiental, para a dragagem da Hidrovia Uruguai-Brasil, na qualidade de obra pública”, ressaltou o ministro de Portos e Aeroportos, Márcio França, após uma reunião entre as duas delegações realizada em Brasília.

O ministro dos Transportes, Renan Filho, também esteve na reunião bilateral. Na ocasião foi divulgada a licitação para tirar do papel o projeto ainda este ano. Além disso, outra licitação foi anunciada para a criação de uma nova ponte para o rio Jaguarão, que ligará as cidades de Jaguarão no Brasil e de Rio Branco, no Uruguai.

“No encontro que o presidente Lula teve com o presidente Lacalle Pou, do Uruguai, ficou confirmada a construção da ponte. Agora cabe ao Brasil dar as providências, e a pedido do presidente, nós vamos enveredar todos os esforços para que a ponte do Jaguarão integre ainda mais o nosso povo com o povo uruguaio”, disse Renan Filho.

Também foi discutido um cronograma para a binacionalização do Aeroporto Internacional de Riviera, no Uruguai, pró-



O ministro de Portos e Aeroportos, Márcio França, foi uma das autoridades brasileiras presentes na reunião com a delegação uruguiaia

ximo à fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul.

Outra reunião está marcada para daqui a 30 dias entre os ministros envolvidos. Na data, eles devem dar encaminhamento aos projetos definidos nesta terça. Além dos ministros brasileiros envolvidos, Fernan-

do Haddad, ministro da Fazenda, e Mauro Vieira, ministro das Relações Exteriores também estiveram presentes.

Pela comissão do Uruguai, estiveram presentes o chanceler Francisco Bustillo, o ministro da Economia, Azucena Perdomo, e o ministro dos Transportes, José Luis Falero.

“
VAMOS ENVEREDAR
TODOS OS
ESFORÇOS PARA
QUE A PONTE
DO JAGUARÃO
INTEGRE AINDA
MAIS O NOSSO
POVO COM O
POVO URUGUAIO”

RENAN FILHO
ministro dos Transportes

BE
NEWS
APLICATIVO

As informações que movem o mercado, na palma da sua mão.

Baixe o aplicativo BE News e seja o primeiro a saber das principais notícias sobre portos, logística e transportes, confira as matérias mais acessadas da semana e leia o jornal BE News.



DISPONÍVEL NA
App Store



DISPONÍVEL NO
Google Play

Baixe o aplicativo do BE News

Procure BE News na sua loja de aplicativos, ou acesse pelo QR code.

Siga-nos nas mídias sociais.



@portalbenews



Portal BeNews

www.portalbenews.com.br

**ELIAS FRANCISCO DA SILVA JUNIOR**

Advogado, diretor jurídico do T-Grão, diretor do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), vice-presidente do Centro de Aprendizagem e Mobilização Profissional e Social (Camps) - Santos e membro do Conselho Jurídico do Centro de Estudos Brasil Export

opinio@portalbenews.com.br

► CIDADANIA

Aprendizagem e Empregabilidade



“O trabalho dignifica o homem”. A famosa frase do jornalista e filósofo norte-americano Benjamin Franklin (1706-1790) expressa a importância do trabalho para a construção de um indivíduo digno.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, por sua vez, traz expressamente: “Toda a pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego”.

Já a Constituição Federal, em seu artigo 7º, revela os direitos constitucionais e indisponíveis, regulamentados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

A meu ver, sem o trabalho, não há inclusão social. E portanto, a aprendizagem profissional prevista em nosso ordenamento jurídico e desenvolvida por importantes entidades representa uma importante estratégia, em nosso desigual Brasil, para combater o desemprego entre os jovens. Desta feita, e em razão do atual cenário de desemprego, há que ser pensada com ainda mais atenção pelos nossos governantes, como política pública capaz de desenvolver os nossos jovens pessoal e profissionalmente, garantindo a geração de emprego e renda. Programas de aprendizagem, como o do Centro de Aprendizagem e Mobilização Profissional e Social – CAMPS SANTOS, são alternativas capazes de transformar a vida dos jovens e seus familiares, retirando-os dos programas assistencialistas governamentais e dando uma perspectiva de um futuro melhor.

Muito antes de existir a Lei da Aprendizagem, criada em 2000, e com o intuito de auxiliar os menores de idade a ingressarem, ainda sem qualquer experiência, ao mercado de trabalho, sem prejudicar evidentemente os estudos e atrapalhar a formação juvenil, o CAMPS SANTOS já exercia esse importante papel na Baixada Santista.

Fundado em 30 de novembro de 1967, em Santos, Estado de São Paulo, a instituição sem fins lucrativos é responsável pela formação e inclusão de jovens em situação de vulnerabilidade social ao tão sonhado mercado de trabalho. Ao longo de 5 décadas, o Centro de Aprendizagem recebeu cerca de 120 mil jovens, alguns dos quais se tornaram empresários, políticos,

servidores públicos e administradores renomados e reconhecidos em nossa região.

Mas é verdade que o mundo está em constante evolução. E o aprendizado deve ser também constante, em se tratando da vida do profissional neste novo momento, em uma economia globalizada, o que tem sido amplamente discutido após esse período da pandemia, que acelerou a transformação digital nas relações trabalhistas. Deste modo, assim como o mercado de trabalho, os projetos de aprendizagem também precisaram se adequar aos novos tempos. A chegada de inovações tecnológicas e a busca por processos cada vez mais eficientes e enxutos nas empresas fazem com que o mercado busque profissionais além de competentes, atualizados e preparados para atuar nas organizações. As empresas, por sua vez, buscam perfis profissionais não apenas com melhor preparo para esse ambiente cada vez mais tecnológico, analisando também o aspecto emocional e o espírito empreendedor de cada indivíduo.

E um dos papéis mais importantes dos programas de aprendizagem, neste momento, é conseguir preparar esses jovens para serem inseridos no mercado de trabalho e, ainda, manterem sua empregabilidade após o período da aprendizagem, com a consequente manutenção da renda - muitas vezes é do Jovem Aprendiz que se advém a principal renda familiar. É também oferecer oportunidades para que estejam prontos, e tenham a capacidade de se adequar e acompanhar as mudanças no mercado de trabalho. Quanto mais adaptado o jovem profissional, maior sua empregabilidade.

Neste sentido, é de fundamental importância possibilitar aos jovens o desenvolvimento de competências e habilidades para inovar, lidar com as outras pessoas e liderar.

Na minha visão, para desenvolver e prosperar, as empresas e nossos governantes devem, cada vez mais, ter esse olhar. De nada adiantam políticas públicas assistencialistas, se o jovem não tem um emprego e não está preparado para acompanhar e se adequar ao mercado que é naturalmente dinâmico e tão competitivo. E, por essa razão, conclamo um olhar mais atento a essa questão tão importante para o nosso país, a empregabilidade dos nossos jovens.

PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM, COMO O DO CENTRO DE APRENDIZAGEM E MOBILIZAÇÃO PROFISSIONAL E SOCIAL – CAMPS SANTOS, SÃO ALTERNATIVAS CAPAZES DE TRANSFORMAR A VIDA DOS JOVENS E SEUS FAMILIARES, RETIRANDO-OS DOS PROGRAMAS ASSISTENCIALISTAS GOVERNAMENTAIS E DANDO UMA PERSPECTIVA DE UM FUTURO MELHOR.

08 MARÇO | 2023

**DIA INTERNACIONAL
DA MULHER**

Um presente e um convite

Neste 8 de março, Dia Internacional da Mulher, o BE News reúne todos os textos da série Mulheres, escritos pela jornalista Nádia Furlan (em destaque na foto desta capa) para o portal e o jornal. Aqui estão os 14 artigos publicados nos últimos domingos, mostrando os desafios, as superações e as grandes

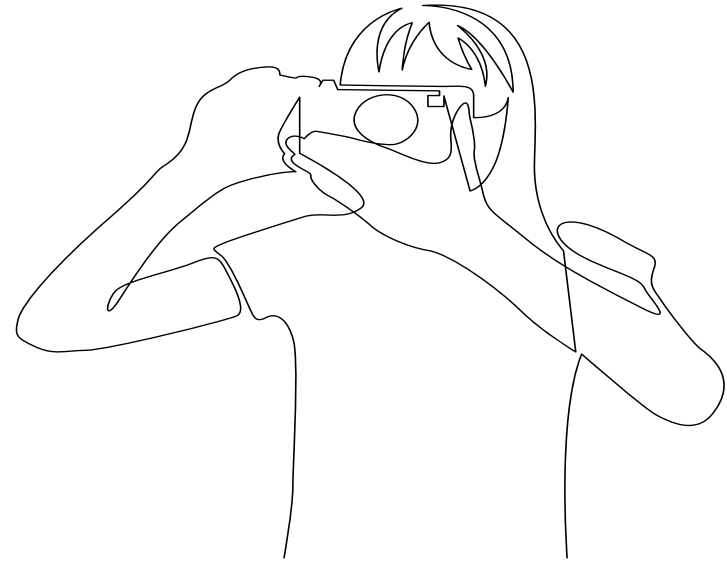
conquistas de profissionais brasileiras e estrangeiras nos setores portuário e de navegação. E por fim, um inédito, produzido por Nádia especialmente para a data de hoje, destacando a capacidade que essas histórias e essas “personagens” têm de inspirar a todos nós, de nos levar a lutar por um ambiente de trabalho, um mercado, uma sociedade mais igualitária, com oportunidades iguais para eles e elas. Enfim, 15 textos que são um presente aos leitores e às leitoras do BE News e, ainda mais, um convite para se construir um mundo mais justo e melhor.

**NÁJIA FURLAN**

jornalista e coordenadora de Programas Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Minha incrível jornada no Porto de Le Havre



Meu nome é Nájia Furlan. Sou jornalista e portuária. Há quase quatro anos atuo na equipe de Comunicação da Portos do Paraná. Gosto muito de porto; principalmente de aprender sobre a atividade.

Minha estação fica na sede administrativa, em Paranaguá, mas faço questão de passar por todo e cada canto das áreas dos portos organizados, conversar com muita gente e transbordar de orgulho quando me encontro com elas. Ainda são poucas, mas as mulheres estão cada vez mais presentes no porto. E isso é muito bom!

É a presença feminina que cresce, se fortalece e me representa. Por aqui, elas são autoridades (portuária, marítima), pilotam (na prática), fazem a gestão da mão de obra dos trabalhadores avulsos, assumem inúmeras funções nos terminais e empresas operadoras, são conferentes, estão nas boleias dos caminhões, levam os contêineres para o costado, são marinheiras e até sujam as mãos de graxa na mecânica dos grandes equipamentos.

E pelo que andei vendo “por aí”, isso vem acontecendo nos quatro cantos do mundo. O que é ainda melhor!

Recentemente, tive o prazer de ir para Le Havre, na França, e participar do 19º curso “Mulheres na Gestão Portuária”, promovido pela IMO, IPER EM Normandie e pela Haropa Port (empresa que administra os portos de Le Havre, Rouen e Paris).

Lá estávamos em 21 mulheres, de 14 nacionalidades diferentes. Todas portuárias. Além do Brasil — representado por mim e por uma colega da Antaq — assistiram aos seminários trabalhadoras do Camboja, Vietnã, Somália, Filipinas, Honduras, Maldivas, Belize, Ilhas Maurício, Camarões, Dominica, Saint Lucia, Egito e Jordânia.

Na cidade portuária francesa, fiquei realmente impressionada com as atividades do porto de Le Havre. Porém, fiquei especialmente maravilhada com o conhecimento dessas portuárias do mundo. Por isso, a partir desta semana, aproveitando esse “super espaço” que o **BE News** me deu, quero compartilhar um pouquinho sobre algumas delas.

Antes de começar, se me permitem, faço um breve relato dos cinco dias em Le Havre. Voilà!

Logo no primeiro dia, a apresentação foi com uma engenheira: Eliette de Lamartine, responsável pelo Departamento de Estudos e Obras de Infraestrutura da HAROPA Ports. Ela não só dominava o assunto — infraestrutura portuária — como sabia muito bem traduzi-lo para que todas pudessem também entender, mesmo quem não era da área técnica. Deu show, a Eliette!

Aqui, na nossa Engenharia, temos a Ana, Jamile, Angélica, Karina, Rúbia e Gio, que também agregam demais à infraestrutura portuária do Paraná.

O segundo dia foi para conhecer um pouco como os principais portos da França fazem a gestão ambiental. Nessa data, que orgulho, percebi o quanto os nossos portos, aqui do Paraná, estão avançados e se destacam no quesito. Com orgulho, tive muito a agregar sobre o trabalho da nossa equipe de casa. Aliás, um time cheio de mulheres — Jaque, Maria, Andrea, Ju, Kellyn, Maria, Manoela, Inês e companhia.

Chegamos ao terceiro dia vendo iniciativas realmente impressionantes; do tipo “must-have”. Desse, eu destaco as três horas e meia que passamos falando de marketing e KPIs. Foi com a Julie Sagot e foi supeeeerrr! Eles fazem até pesquisa de mercado, prospecção de clientes e usam/analisa os dados (estatísticas, incluindo índices de produtividade, tempos etc) para esse fim.

No penúltimo dia, visitamos o Porto de Rouen. Exportador e importador de granéis sólidos, líquidos e contêineres (pouco).

Lá, trigo é o forte do embarque. No desembarque, o fertilizante.

Como nós, eles são a principal entrada do fertilizante do país (30% entra por aqui). Diferentemente de nós, eles importam e usam no campo muitos fertilizantes líquidos. É considerado um porto marítimo, mas opera no Rio Sena. Fiquei encantada com a movimentação das barcaças, os silos à beira do rio, a força e a organização do transporte fluvial (e marítimo, ao mesmo tempo).

Mas surpresa, mesmo, fiquei em saber que eles têm uma creche que serve toda a comunidade portuária local. Fica no terceiro andar da sede administrativa. Essa iniciativa, por lá, com certeza, ajuda as portuárias, mas vi muito pai passando para deixar os pequenos. Isso foi um show à parte!

A experiência terminou no dia 18 de novembro. O último dia foi de reflexão sobre as três semanas de imersão no Porto de Le Havre (duas online — na metade deste ano — e uma presencial).

Foi uma incrível jornada. Uma oportunidade fantástica; apoio com conhecimento. Recebemos informações e ainda tivemos chance de compartilhar. Concluo, orgulhosa, que estamos na direção certa, a passos largos e importantes aqui nos portos do Paraná. Animada para seguir contribuindo para alcançar ainda mais.

Foi um encontro especial com portuárias incríveis que realmente fazem a diferença para a atividade em seus países de origem. O conceito de sororidade virou prática nesses cinco dias.

À Portos do Paraná, tenho gratidão pela oportunidade. Delas, de cada uma das portuárias que conheci, levo um aprendizado e pretendo multiplicar para que mais mulheres dos portos paranaenses (e brasileiros) possam viver essa experiência!

Até a semana que vem!

FOI UM ENCONTRO ESPECIAL COM PORTUÁRIAS INCRÍVEIS QUE REALMENTE FAZEM A DIFERENÇA PARA A ATIVIDADE EM SEUS PAÍSES DE ORIGEM. O CONCEITO DE SORORIDADE VIROU PRÁTICA NESSES CINCO DIAS

08 MARÇO | 2023
DIA INTERNACIONAL
DA MULHER**NÁJIA FURLAN**jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Tatiana Chalub Bicalho, Brasília, Brasil



Ela é brasileira. Porém, fomos nos conhecer apenas lá em Le Havre, na França, durante o curso “Mulheres na Gestão Portuária”. Tatiana Chalub Bicalho tem 43 anos. Cientista política de formação, pós-graduada em Gestão de Portos, a Tati integra o quadro da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq).

Na agência, é analista administrativa e acumula o cargo de assessora técnica da Diretoria-Geral. Escreve minutas de deliberação, analisa votos dos demais diretores, faz análise e gestão de pedidos de medidas cautelares, entre outras funções que assume.

Aqui, faço parênteses. Para quem não sabe, a Antaq é a autarquia do Governo Federal que regula, fiscaliza e supervisiona o modal aquaviário e a exploração da infraestrutura portuária no país.

A agência dita as regras e cobra a execução dos portos e demais atores das comunidades portuárias brasileiras – de mar ou de rio. O foco da atuação é a economia e a segurança desse tipo de transporte (de gente e de carga).

Voltando para a Tati...

Ela não foi das primeiras colegas que encontrei e conversei por lá. Apesar de sermos “as meninas do Brasil” da turma, não foi pela nossa nacionalidade que eu a notei.

A Tatiana fala inglês, francês e espanhol. Nos três idiomas, ela revezava para interagir e compartilhar informações. Era bonito de ver (e ouvir). Porém, mais que o idioma, se destacavam as informações sobre as quais ela queria saber mais.

Era muito legal de ver o aproveitamento que ela estava tendo do curso. O objetivo era um só: adquirir para agregar conhecimento na atuação profissional.

Tati também concorda que a experiência foi enriquecedora em todos os aspectos: dos técnicos aos sociais, pelo convívio com outras culturas. “Adorei conhecer as meninas! Achei incríveis as histórias de vida e de trabalho em diversos seguimentos do setor portuário”.

Sua história, também é incrível, Tatiana. É exatamente por isso que faço questão de compartilhar.

Ela é da primeira turma de concursados da Antaq. Entrou em 1 de dezembro de 2005. Na equipe em que atua, é a única mulher executando atividade-fim. “No começo achei um pouco intimidador, mas na agência, hoje, o cenário é muito bom! As mulheres conseguem crescer internamente”.

Não foi por vocação que ela fez o concurso para a Antaq, mas o encontro foi certo. Foi por isso que começou a trabalhar mais próxima das atividades finalísticas da Antaq: sentiu a necessidade de conhecer melhor a parte prática do setor, os

desafios enfrentados pelos atores envolvidos diretamente na operação portuária. Isso que a profissional encontrou ao se especializar.

E, desde então, a progressão foi natural. Ela foi pregoeira durante quase oito anos na agência nacional. Ocupou cargos comissionados na mesma gerência, de licitações e contratos, entre os anos de 2010 e 2012, que correspondiam a atividades na comissão de licitação (de matéria administrativa).

Em 2017, já lotada na Assessoria Parlamentar, recebeu o convite do à época diretor (Mário Povia) para trabalhar como assistente, na diretoria, onde chegou a Chefe de Gabinete e Assessora.

Em 2020, teve uma breve passagem como Coordenadora de Relações Internacionais, mas acabou retornando para a Diretoria-Geral, a convite do atual diretor (Dr. Eduardo Nery).

“Eu gosto de estar onde possa contribuir e também aprender, independentemente de estar ocupando algum cargo. Então, a minha visão de futuro está muito mais relacionada a estar preparada para eventuais oportunidades do que no vislumbre de algum cargo específico”.

Tati também vê e comemora o aumento da presença feminina no ambiente portuário. “Mas, sinceramente, acho que a mudança ainda é muito lenta e demora a atingir os cargos de “alto nível”, principalmente no setor privado”.

Essa impressão, ela tira das reuniões das quais participa, onde, muitas vezes, é a única mulher na sala. “No serviço público, vejo mais equilíbrio ou, pelo menos, sinto que o desequilíbrio reflete a realidade do país. Em todo caso, sou otimista em relação ao futuro das mulheres no setor”.

Às demais mulheres do Brasil que desejam seguir à carreira na área de logística e transporte aquaviário no país, ela deixa a dica: “vá, mesmo com receio. Arrisque-se! Eu quase declinei o primeiro convite para trabalhar na diretoria, por medo de não ser boa o suficiente e ficar exposta. Aceitei e deu certo. Continuo lá!”.

Assim como a Tati, lá na Antaq também estão a Elizabeth, a Patrícia, a Flávia e muitas outras mulheres que só têm a agregar ao desenvolvimento portuário nacional.

E que venham mais e mais!

P.S.: Não esqueça, esse texto faz parte de uma série sobre mulheres do mundo portuário que conheci durante o 19º curso “Mulheres na Gestão Portuária”, promovido pela IMO, IPER EM Normandie e pela Haropa Port. Não deixe de seguir acompanhando. A série é semanal, sempre aos finais de semana. O próximo artigo será sobre a Ana Carolina, colega de Honduras, com atuação em diversos portos do país.

ELA NÃO FOI DAS PRIMEIRAS COLEGAS QUE ENCONTREI E CONVERSEI POR LÁ. APESAR DE SERMOS “AS MENINAS DO BRASIL” DA TURMA, NÃO FOI PELA NOSSA NACIONALIDADE QUE EU A NOTEI. A TATIANA FALA INGLÊS, FRANCÊS E ESPANHOL. NOS TRÊS IDIOMAS, ELA REVEZAVA PARA INTERAGIR E COMPARTILHAR INFORMAÇÕES. ERA BONITO DE VER (E OUVIR). PORÉM, MAIS QUE O IDIOMA, SE DESTACAVAM AS INFORMAÇÕES SOBRE AS QUAIS ELA QUERIA SABER MAIS.

**NÁJIA FURLAN**

jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Ana Carolina Sikaffy Canahuati, Tegucigalpa, Honduras



Não vou negar que quando conheci a Ana Carolina, fiquei “me achando”. Não sou, não fui, nem nunca serei “capitã de portos”. Mas ela chegou lá, para o orgulho de todas nós, mulheres de portos no mundo!

Então, é com muito prazer que hoje eu apresento Ana Carolina Sikaffy Canahuati, chefe da Indústria Marítima Auxiliar (DGMM) de Honduras. Ana é uma amiga que o universo portuário e o curso em Le Havre me deram. Uma mulher super antenada, que sabe muito de porto e navegação.

Nascida e criada em Honduras, a escola ela concluiu no país da América Central. Porém, a formação completou no exterior. Na Suíça, estudou dois anos na Chateau Mont Choici. Em seguida, foi para Cambridge, na Inglaterra, onde estudou Língua Inglesa; e, finalmente, na Universidade de Michigan, em Ann Arbor, concluiu o MBA em Ciências Políticas.

“Comecei a trabalhar nos portos de Honduras, onde cheguei a capitão dos Portos do Pacífico: Porto de Henecan, San Lorenzo. Transferida, então, para o principal porto do país, Puerto Cortes, lá fui capitã dos portos residente”, me contou.

“Nossa!!!”, pensei assim que a escutei contar. “Eu nunca havia conhecido uma mulher ‘habourmaster’ antes”. Intrigada, fui pesquisar e encontrei uma notícia recente e, melhor ainda, aqui do Brasil. Vou fazer “parênteses” porque essa também vale compartilhar.

Em junho deste ano, Tatiana Teixeira de Melo Oliveira, capitã de corveta, assumiu a Delegacia da Capitania dos Portos em Porto Seguro, na Bahia. Foi a primeira mulher a assumir o posto. Também agora em 2022, a Capitania dos Portos do Paraná promoveu a primeira capitã-tenente, aqui em Paranaguá. É a capitã-tenente Adriana Rodrigues da Matta.

De volta a Honduras...

O país da América Central tem, ao Norte, o Mar do Caribe e, ao sul, o Oceano Pacífico. A capital é Tegucigalpa, mas San Pedro Sula também é um centro comercial forte do país. Quando o assunto é atividade portuária, em Honduras quatro portos são destaques: Puerto Cortés, San Lorenzo, La Ceiba e Tela.

Nos dois principais, Ana trabalhou, mas a atividade não ficou restrita somente aos portos de Honduras. Em 2006, recrutada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (IDB), passou a trabalhar como especialista da área marítima e supervisionar cinco portos do Golfo de Honduras: Puerto Cortés (Honduras); Puerto Santo Tomas de Castilla e Puerto Barrios (Guatemala) e outros dois portos de Belize.

Fez mestrado na Universidad Pontificia Comillas, de Madrid, e

pela Fundacion Valenciaport, em Valência, fez o máster em Administração Portuária e Transporte Intermodal, sendo a única participante, entre outros 120 da América Latina, a ganhar bolsa pela Organização dos Estados Americanos (OEA).

Cinco anos depois de atuar pelo IDB, Ana Carolina até tentou deixar a área por motivos pessoais, quando decidiu retornar à Tegucigalpa para ficar com a família. Porém, logo foi chamada pelo diretor-geral da Marinha Mercante de Honduras. A missão: criar um novo departamento chamado Indústria Marítima Auxiliar, em 2019, no país.

“Hoje, registro e regulo toda a indústria marítima que trabalha para os portos e para as embarcações que chegam aos nossos portos, aqui no país”, explica a chefe do departamento.

Orgulhosa, Ana ainda conta que, em meio a toda essa dedicação à Marinha daquela país, ajudou a fundar a primeira Câmara Comercial Marítima de Honduras. “Desde janeiro deste ano tem autonomia jurídica própria e é composta por toda a comunidade marítima e portuária”, revela.

Se, aos 58 anos, ela deseja desacelerar? Não. De jeito nenhum. Ana diz que gostaria de ficar ainda mais alguns anos na área e, depois disso, tem o objetivo de se tornar consultora para portos.

Como esse texto faz parte de uma série sobre mulheres do mundo portuário que conheci durante o 19º curso “Mulheres na Gestão Portuária”, promovido pela Organização Marítima Internacional (IMO), pelo Instituto Portuário de Ensino e Pesquisa (Iper) EM Normandie e pela Haropa Port, em Le Havre, não posso deixar de contar o porquê de uma mulher com toda essa bagagem fazer questão de participar de um curso, digamos, “tão básico”. Foi para ter a chance de conhecer mulheres marítimas de tantas partes do mundo. Assim, ela explicou. Ana destaca o conhecimento adquirido sobre o modo como a França administra as atividades portuárias. Qualquer conhecimento vale ouro para quem ainda quer ir mais longe.

“Nós, mulheres, somos mais orientadas aos detalhes. E isso é um grande ‘trunfo’ para os portos. Temos valores sólidos e mentes lógicas. Também temos mais sensibilidade para lidar com os trabalhadores. E, claro, podemos trabalhar tanto quanto os homens. Isso está comprovado!”, garante.

Às mulheres que, na área, desejam crescer, Ana Carolina recomenda: “se você estudar, trabalhar e fizer tudo com paixão, o sucesso é garantido”.

P.S.: Até a próxima semana, com o artigo sobre a Ajan, a primeira mulher portuária da Somália a participar desse curso, que é oferecido há mais de 18 anos pela IMO, em parceria com o Iper Normandie e o Haropa Port.

“COMECEI A TRABALHAR NOS PORTOS DE HONDURAS, ONDE CHEGUEI A CAPITÃO DOS PORTOS DO PACÍFICO: PORTO DE HENECAN, SAN LORENZO. TRANSFERIDA, ENTÃO, PARA O PRINCIPAL PORTO DO PAÍS, PUERTO CORTES, LÁ FUI CAPITÃ DOS PORTOS RESIDENTE”, ME CONTOU. “NOSSA!!!”, PENSEI ASSIM QUE A ESCUTEI CONTAR. “EU NUNCA HAVIA CONHECIDO UMA MULHER ‘HABOURMASTER’ ANTES”.

08 MARÇO | 2023
DIA INTERNACIONAL
DA MULHER**NÁJIA FURLAN**jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Ajan Mohamed, Mogadíscio, Somália



Brasil. Camboja. Vietnã. Somália. Filipinas. Honduras. Maldivas. Belize. Ilhas Maurício. Camarões. Dominica. Saint Lucia. Egito. Jordânia. Países emergentes, ou seja, em desenvolvimento. Alguns, ainda subdesenvolvidos, com índices muito baixos, considerando o aspecto socioeconômico.

Pensando apenas em critérios como Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a renda per capita e o Produto Interno Bruto (PIB), quando muitos ouvem falar em Somália, o que visualizam não são avanços. Pelo contrário. Mais estigmatizada ainda é a imagem do país quando o relacionamos ao mundo marítimo e portuário. Não vou negar que eu mesma não tinha boas referências daquela nação, antes da experiência no curso de gestão portuária para mulheres, em Le Havre, na França.

Mas, isso mudou. E como! Hoje, quando alguém me fala sobre a Somália, lembro da minha amiga Ajan, advogada e portuária do Porto de Mogadishu (Mogadíscio), na cidade de mesmo nome.

Para quem não se recorda da geografia e da história, aqui vai uma contextualização. Somália é um país da África que já chegou (na Antiguidade) a ser um importante centro comercial do oriente. Porém, anos mais tarde foi castigada pelas consequências dos inúmeros conflitos internos, da guerra civil. A fome, o subdesenvolvimento e até a pirataria são algumas dessas.

A capital do país (e maior cidade) é Mogadíscio, onde está localizado o principal porto da Somália e um dos principais do continente africano. Desde 2020, o Porto Internacional de Mogadishu opera sob gestão da empresa turca Albayrak, que à época deu início a um plano de reestruturação do terminal.

Ajan é a primeira mulher representante daquele país a participar do programa oferecido pela IMO, em parceria com a IPER Normandie e Haropa Port. Eu tive a honra de participar desse momento histórico para as mulheres daquele país, e para todas nós!

Formada em Direito, com master em Direito Marítimo, Ajan Mohamed é gerente da área de contratos de concessões portuárias. Até 2018, Ajan não trabalhava no porto. Apesar de já atuar com direito contratual, esse desafio surgiu no mesmo momento que o plano de concessões portuárias estava sendo lançado no país. “Foi o momento exato: o surgimento da oportunidade e o meu preparo para novos desafios”.

O grande objetivo da profissional é seguir se desenvolvendo como advogada da área de concessões. No segmento, ela quer atuar em outros portos do país e, principalmente, também em contratos internacionais. “Quero me tornar líder, nessa área. Na matéria, quero ser referência”.

E isso, ela não quer somente para si mesma. Quer chegar lá, com muitas outras mulheres portuárias. Essa é a sua missão!

Foi também o fato de ter sido um momento destinado apenas para mulheres, que a fez concorrer à bolsa para o curso em Le Havre. “Mesmo nós todas trabalhando em setores diferentes, dentro do mundo marítimo e portuário, estávamos, de certa forma, todas ligadas por isso. E foi fantástico”.

Muito conhecimento foi compartilhado e amigas foram feitas. De fato! E, aqui, abro parênteses para me posicionar também: é por isso que oportunidades como essas não podem ser desperdiçadas. E foi para garantir isso que pedi esse espaço da BeNews, em uma série falando sobre essa nossa experiência em um encontro de mulheres de portos do mundo.

Ajan, como eu, também advoga por uma presença maior de mulheres nesse universo. E eu, concordo com ela quando diz que as habilidades que a mulher traz ao trabalho portuário são incríveis.

“Somos muito boas no que nos propomos a fazer. Acho que as estruturas precisam de mais diversidade para a promoção do desenvolvimento portuário e de novas perspectivas. Os atributos que as mulheres carregam são cruciais na área, especialmente para a Somália, faria muito bem”, diz Ajan.

Para a colega somaliana, essa seria uma das mudanças mais importantes que aquele país poderia fazer em prol da melhoria na infraestrutura local.

“Na minha profissão, especialmente na Somália, é um desafio e tanto ser mulher e trabalhar na área. Não tem muitas mulheres em posições sêniores, mesmo em posições intermediárias. Para ser honesta, em todas as posições, são muito poucas, podemos contar nos dedos das mãos. Mesmo em um porto de grande cidade”, compartilha.

Ajan também lamenta esse e outros “atrasos” do país, mundialmente lembrado, também, pela violência de gênero. “O fato do nosso país ter vivido em guerra civil por 30 anos nos atrasou muito. Temos dificuldade em focar nesses, entre outros temas, que já estão bem desenvolvidos em outros países”, completa a advogada portuária.

Às mulheres que querem desafiar o que “está posto” e colaborar com a diversidade no ambiente portuário, Ajan é enfática: “ninguém pode apagar sua luz, especialmente nenhum homem”.

“Acredite em si mesmo a ponto de desenvolver, mais que a confiança, a resiliência. Você é capaz de fazer tudo o que programa sua mente para fazer. Você merece estar onde está. Coloque-se para cima, todos os dias!”.

Assino embaixo e te convido para ler, no artigo da semana que vem, como a Shimla, colega das Maldivas, investe na profissão.

NÃO VOU NEGAR QUE EU MESMA NÃO TINHA BOAS REFERÊNCIAS DAQUELA NAÇÃO, ANTES DA EXPERIÊNCIA NO CURSO DE GESTÃO PORTUÁRIA PARA MULHERES, EM LE HAVRE, NA FRANÇA. MAS, ISSO MUDOU. E COMO! HOJE, QUANDO ALGUÉM ME FALA SOBRE A SOMÁLIA, LEMBRO DA MINHA AMIGA AJAN, ADVOGADA E PORTUÁRIA DO PORTO DE MOGADISHU (MOGADÍSCIO), NA CIDADE DE MESMO NOME.

**NÁJIA FURLAN**

jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Aishath Shimla, Malé, Maldivas



Quando terminou o curso de Gestão Portuária para mulheres em Le Havre, da França, Shimla voltaria para casa apenas por alguns dias. Isso porque, logo na sequência, ela já iria emendar em um curso de capacitação em Desenvolvimento da Segurança na Área Portuária por quase um mês, no Japão. Para esse, também, a portuária das Maldivas ganhou bolsa. Na turma, era a única mulher.

Mestre em Negócios Marítimos, com MBA em gestão de RH, Shimla trabalha há 20 anos na Maldives Ports Limited, empresa estatal que administra os portos das Maldivas, a autoridade portuária local. A sede da empresa é em Malé, capital do país do Oceano Índico e a cidade onde fica seu maior porto.

O Porto de Malé é o principal eixo marítimo e comercial das Maldivas. Por lá, operam contêineres, ro-ro, e chegam muitos navios de passageiros. Além desse, o país tem outros, chamados “portos regionais”.

O Hithadhoo (HRP) fica em Addu Atoll. Kulhudhufushi (KRP), na ilha de mesmo nome, conhecida como “a capital econômica do Norte do país”. O Terminal Internacional de Hulhumale está localizado em ilha homônima e ainda tem os portos “domésticos” de Malé, Norte e Sul.

Aqui merece um destaque bem específico daquele país. Os portos de Male Norte e Male Sul atendem embarcações típicas das Maldivas, chamadas de Dhonis. Esses “navios” servem ao transporte de cargas e pessoas entre os atóis da região. Vale a pena pesquisar sobre. Eu, pelo menos, nunca havia ouvido falar deles.

Pois foi nesses portos menores que a carreira da Shimla teve início. Foi a mãe dela quem a inscreveu, quando tinha 19 anos. Ela começou como assistente na secretaria do projeto de desenvolvimento dos portos regionais, que durou quatro anos. Era um cargo júnior.

Assim que obteve o diploma em Negócios, ela decidiu ir mais longe nos estudos e seguir no trabalho portuário. Então, além de se tornar bacharel em Administração, obteve graus de mestre em Assuntos Marítimos e Gestão Portuária Especializada. “Eu vim de uma família desfeita, onde só a mãe era todo o meu apoio. Conquistei o que ela sonhava e tudo o que uma garota pode conseguir nessa carreira”, conta. Todos os cursos de Shimla foram com bolsas pela empresa ou pela IMO, a Organização Marítima Internacional.

Hoje, ela é gerente-geral de administração e preside o Comitê de Revisão de Políticas Portuárias do país.

“Eu já consegui escrever uma pesquisa sobre o tema, mas quero escrever mais. E também, como palestrante, quero desenvolver as mulheres no programa de gestão portuária no centro de formação da minha empresa e desenvolver mais mulheres”, revela.

Shimla é uma grande incentivadora das mulheres no segmento. “Sendo uma mulher, você enfrenta mais desafios neste segmento. Nós, mulheres, temos que percorrer muito mais quilômetros para provar que somos capazes. E ainda mais milhas para obter o reconhecimento que um homem pode obter com poucos passos, na área”, comenta.

Ela diz perceber que os homens ainda dominam a indústria marítima. Porém, acredita que isso pode e vai mudar. “O segmento exige um ambiente de trabalho com equilíbrio de gênero e políticas e regulamentos baseados em gênero”, sugere.

Para as mulheres que desejam começar ou se destacar na área, Shimla recomenda que, “como em qualquer outro campo, não existe atalho quando se deseja alcançar algo profissionalmente ou reconhecimento”. E completa: “Quando você se posicionar, você vai ser criticada, vai desanimar e vai ser questionada, mas deve lembrar de enxergar apenas o seu alvo. Foque e caminhe em direção a ele. Nunca pare, para nada. Para se desenvolver, é preciso acompanhar os desenvolvimentos do segmento e elevar seus níveis práticos e científicos para enfrentar os desafios”.

É o que ela mesmo faz para se desenvolver na profissão. Nunca para e nunca perde a oportunidade de se atualizar. Por isso, sempre busca a capacitação internacional.

“Durante o curso, em Le Havre, encontrei muitas mulheres profissionais de diferentes áreas do mundo. A experiência que partilhamos foi muito valiosa. Não só aprendemos com a França, mas também com cada participante”, comenta.

O que Shimla deseja para o futuro? Trabalhar na área de investigação marítima, ir ainda mais além e, o mais importante, não chegar lá sozinha. Quer levar com ela, muitas outras portuárias dentro e fora das Maldivas.

P.S.: Até a semana que vem, quando sigo nessa série sobre as mulheres dos portos do mundo, com a história de Emaculate e o trabalho dela em um porto africano.

P.P.S.: E para quem ficou interessado(a) em saber mais sobre a pesquisa de Shimla, o estudo está disponível em: https://unctad.org/system/files/non-official-document/cinem7_2020_P17_SHIMLA_en.pdf

ELA DIZ PERCEBER QUE OS HOMENS AINDA DOMINAM A INDÚSTRIA MARÍTIMA. PORÉM, ACREDITA QUE ISSO PODE E VAI MUDAR. “O SEGMENTO EXIGE UM AMBIENTE DE TRABALHO COM EQUILÍBRIO DE GÊNERO E POLÍTICAS E REGULAMENTOS BASEADOS EM GÊNERO”, SUGERE.

08 MARÇO | 2023
DIA INTERNACIONAL
DA MULHER**NÁJIA FURLAN**jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Victoria Gorre - Quezon, região metropolitana de Manila, Filipinas



Uma das nacionalidades mais frequentes nas tripulações dos navios que chegam para atracar aqui nos portos de Paranaguá e Antonina é a filipina. Até recentemente fizemos um levantamento simples, por amostragem, que mostrou que cerca de 32% dos trabalhadores embarcados que passaram pelo Paraná são filipinos.

Sabendo disso não pude deixar de perguntar a Victoria, quando a conheci: “quão importante são as atividades marítimas e portuárias para o seu país?”. E, com calma, a portuária filipina me explicou:

“Como arquipélago, as Filipinas são abençoadas com mais de sete mil belas ilhas que, apesar de separadas, são conectadas pelo mar. Isso nos proporciona recursos marinhos e, mais importante ainda, nos conecta com o mundo. É nosso modo de viver”.

Formada em artes, com especialização em Ciências Comportamentais, Victoria Gorre atua há dez anos como profissional de RH junto ao Governo Filipino. Atualmente, é diretora da área, na sede da Autoridade Portuária Filipina. Na função, ela trata da gestão de pessoal em nível nacional. E olha que a Autoridade Portuária Filipina (PPA) é responsável por 25 portos do país. Ou seja, é um quadro profissional e tanto, não?!

“Como filipinos, temos um traço inato de ‘ilha’, o qual acreditamos que o mar nos proporcionará sempre. A indústria portuária e marítima desempenha um papel muito importante em nosso país, considerando que é a porta de entrada para o comércio e desenvolvimento nacional”, completa.

Nos milhares (se não, milhões) de trabalhadores filipinos que optam por fazer parte da indústria marítima, Victoria destaca as principais características que os fazem mão-de-obra essencial para o setor: trabalho árduo e resiliência.

“Estes, para mim, são atributos imprescindíveis na sempre ágil e dinâmica indústria portuária e marítima”, diz a profissional de desenvolvimento humano nas Filipinas. Esta mesma indústria, segundo ela, trouxe muitas oportunidades “especialmente para os filipinos que querem explorar o mundo”, completa.

Não é o caso dela que se desenvolve na área, permanecendo no país. Como gestora de RH, Victoria supervisiona todas as atividades de gestão de pessoal. “Minha missão é assegurar que todas as funções e tarefas sejam delegadas de forma responsável às pessoas responsáveis”. Estou principalmente envolvida na elaboração de políticas e iniciativas para

melhorias contínuas em vários processos do setor.

Victoria é multimodal. Sim. Digo isso porque antes de entrar para a Autoridade Marítima e Portuária Filipina, a profissional já esteve na Autoridade Aeroportuária Internacional de Manila (setor aéreo) e na Autoridade de Trânsito Ferroviário Ligeiro (setor ferroviário).

“Tendo atuado na gestão de recursos humanos e sendo uma profissional de HRM durante doze anos, no governo, adquiri conhecimentos e experiência significativos, especialmente nas regras da função pública filipina, a sua aplicação nos quatro sistemas centrais de HR (sigla em inglês para Recursos Humanos), tais como: Recrutamento; Gestão de Desempenho; Aprendizagem e Desenvolvimento; e Recompensas e Reconhecimento”, explica.

Ser mulher e atuar na área marítima e portuária daquele país, como afirma Victoria, não é realmente um problema ou uma preocupação. Isso porque, segundo ela, na agência em que atua tem um ambiente bem equilibrado: quase 50/50 homens e mulheres, incluindo os escritórios de Engenharia e de Operações.

O objetivo profissional da portuária filipina é buscar a excelência em RH na indústria marítima junto à Autoridade Portuária do país. “Quero apoiar a nossa gestão e administração fornecendo mão-de-obra de qualidade, competente e eficiente através da implementação de processos melhorados, tendo em consideração o impulso da atual administração no sentido da inovação”, afirma.

Ela tem a sorte de contar com uma gestão que apoia e reconhece plenamente as mulheres na organização. Porém, às mulheres que desejam seguir carreira na área, mesmo que não tenham a mesma vantagem, a recomendação é simples: “tenha confiança em si mesma e desenvolva suas competências”.

“O que eu quero dizer é que em tudo o que fazemos, temos que deixar uma marca, que é verdadeira e exclusivamente nossa. Todos os dias é uma oportunidade para aprender e melhorar”, sugere a portuária e especialista em RH.

Para saber mais sobre a Autoridade Portuária nas Filipinas, é só acessar o website da PPA:
<https://www.ppa.com.ph/content/our-history>

E para seguir acompanhando a jornada feminina no mundo portuário é só aguardar até o próximo final de semana, quando vou contar um pouco mais sobre a nossa anfitriã, em Le Havre, na França: Claire Ploneis.

VICTORIA ATUA HÁ DEZ ANOS COMO PROFISSIONAL DE RH JUNTO AO GOVERNO FILIPINO. ATUALMENTE, É DIRETORA DA ÁREA, NA SEDE DA AUTORIDADE PORTUÁRIA FILIPINA. NA FUNÇÃO, ELA TRATA DA GESTÃO DE PESSOAL EM NÍVEL NACIONAL. E OLHA QUE A AUTORIDADE PORTUÁRIA FILIPINA (PPA) É RESPONSÁVEL POR 25 PORTOS DO PAÍS. OU SEJA, É UM QUADRO PROFISSIONAL E TANTO, NÃO?!

**NÁJIA FURLAN**

jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Samah Omar Khanshiri e Wafaa Muneer Momani, Aqaba, Jordânia



Porto de Aqaba, na Jordânia - ou melhor, no Reino Hachemita da Jordânia - é um dos principais complexos portuários do Oriente Médio, e o único marítimo do país. Fica localizado no Mar Vermelho, no Golfo de Aqaba, e é administrado pela Aqaba Development Corporation (ADC), empresa que pertence ao Governo do país e à Aqaba Special Economic Zone Authority (ASEZA).

São 12 terminais que operam em 32 berços, atuando em três frentes: Terminal Principal de Aqaba, Terminal de Contêineres de Aqaba e Terminal Industrial de Aqaba. No porto principal, são 12 berços dedicados a carga geral, fosfato, grãos, carvão, gado vivo e veículos leves.

Para o Brasil, a Jordânia envia principalmente sal e fertilizantes. O primeiro entra em maior volume pelo Porto de São Francisco do Sul (SC). Já os adubos, pelo nosso Porto de Paranaguá. No sentido inverso, pelo Porto de Aqaba, chegam, em especial, cereais e carnes de exportação brasileiros. Os granéis saem em maior volume por Itaqui (MA). Já a carne, principalmente de frango, também sai aqui pelo Paraná.

Tudo isso posto, eu garanto: toda vez que vejo a Jordânia em nossas estatísticas de destino ou origem, não é em todos esses dados que eu penso. Lembro, antes de tudo, que lá trabalham Samah e Wafaa.

Na comissão marítima do país (Jordan Maritime Commission), exatamente em Aqaba, Samah, 32 anos, mestre em Contabilidade, é assistente administrativa de assuntos marítimos. Já Wafaa, 38 anos, bacharel em Ciências Informáticas, é oficial de registro de navios e demais embarcações.

Como ambas explicam, a Jordan Maritime Commission é uma organização independente vinculada ao Ministério dos Transportes. É a autoridade portuária local. É lá que Samah aplica o que ela considera a melhor dica para as mulheres que desejam alcançar sucesso na área: "para ter êxito no trabalho, temos que desenvolver nossa personalidade e adquirir sempre novas competências, estar renovando nosso conhecimento permanentemente".

E é na mesma empresa que Wafaa enfrenta e supera os desafios: "É difícil para mim ser uma mulher trabalhadora no setor marítimo da Jordânia, porque sinto que tenho de fazer muito esforço para ganhar a confiança de outros, toneladas deles, que pensam uma mulher ainda não merece este tipo de trabalho".

Apesar de toda e qualquer dificuldade em ser mulher e atuar no setor marítimo e portuário do país árabe, essas duas profissionais são brilhantes e amam o que fazem. É muito bonito ouvi-las falar sobre a atuação. "Eu adoro o meu

trabalho. Amo gerir os assuntos dos trabalhadores no mar e ajudar os marítimos a prestar o melhor serviço, uma vez que emito certificados marítimos de acordo com o acordo internacional STCW", comenta Samah.

Aqui, vale parênteses: a STCW - sigla em inglês para "International Convention on Standards of Training, Certification and Watchkee" - reúne as normas e os padrões internacionais estabelecidos pela Convenção e pelo Código de Instrução, Certificação e Serviço de Quarto para Marítimos de 1978.

Samah trabalha no escritório, quase não vai a campo. Já quando é preciso fazer a verificação técnica dos barcos, Wafaa tem que ir ao porto, na faixa primária. "O que mais gosto do meu trabalho é a parte relacionada com questões técnicas para unidades marinhas e as regulamentações e convenções internacionais", conta a portuária.

O objetivo de Samah é chegar a gerir os assuntos portuários e de pessoal da autoridade portuária jordaniana. "Ainda espero gerir os assuntos financeiros relacionados com o transporte e a gestão marítima do país", diz a contadora. Já Wafaa pretende se aprofundar no campo marítimo e levar para o dia-a-dia do seu trabalho, na comissão marítima jordana, o que está aprendendo a cada capacitação, como o programa de mestrado da Universidade Marítima Internacional de Malmö, na Suécia, que está cursando atualmente.

As duas se conheceram no trabalho, em 2017. Eu as conheci em Le Havre, na França, durante o curso de gestão portuária para mulheres. "Foi um momento mais do que maravilhoso, que contribuiu para elevar o nível prático das mulheres participantes", conta Wafaa.

Segundo a agente de registro, dedicar este tipo de curso às mulheres as ajuda a obter conhecimento, lança mais luz sobre o impacto positivo que será deixado e incentiva as agências de apoio a realizar iniciativas como esta. "A presença feminina em qualquer campo contribui para o sucesso da empresa. O envolvimento das mulheres neste setor prova a sua capacidade de adaptação às condições mais difíceis e ao trabalho de natureza árdua. Ninguém pode ignorar o papel fundamental que as mulheres têm em vários campos de atuação", completa Wafaa.

À Comissão Marítima Jordaniã, já adianto os meus parabéns pelo sucesso que ainda terão, ao seguir contando com essas profissionais. A você, que me lê até aqui e é da área, não deixe de incentivar a presença feminina no seu time.

E a todos, até a semana que vem, com o perfil da minha amiga Victoria, das Filipinas.

TODA VEZ QUE VEJO A JORDÂNIA EM NOSSAS ESTATÍSTICAS DE DESTINO OU ORIGEM, NÃO É EM TODOS ESSES DADOS QUE EU PENSO. LEMBRO, ANTES DE TUDO, QUE LÁ TRABALHAM SAMAH E WAFAA.

08 MARÇO | 2023
DIA INTERNACIONAL
DA MULHER**NÁJIA FURLAN**jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Amany Mahmoud Gomaah, Alexandria, Egito



Ela é formada nas letras, mas atualmente Amany, de 39 anos, trabalha com números, estatísticas. Do setor dos transportes marítimos egípcio, ela é pesquisadora.

Tudo começou com os trabalhos de tradução e interpretação assumidos após a conclusão do curso de Língua Inglesa, pela Universidade de Alexandria. Gradualmente, e a partir das letras, ela foi assumindo outras tarefas. Hoje, é pesquisadora de assuntos ligados à atividade marítima e portuária, especialmente em questões ambientais e na Convenção e no Protocolo de Londres.

“Eu costumava traduzir documentos como partes de convenções ou protocolos, orientações, ofícios, atualizações do segmento. Apesar desse contato com a teoria, é diferente do trabalho nos portos, com atividades logísticas”, comenta Amany.

Há três anos, para se ambientar ainda mais na área, ela resolveu fazer um curso sobre alfandegamento e agentes de navegação. “Foi então que senti que estava realmente longe. Por outras palavras, o nosso trabalho na tradução é mais teórico e o do porto é mais prático”, explica.

Atualmente, Amany não apenas é a encarregada da coordenação das aprovações necessárias para a navegação de cabotagem, como também responde pelo marketing dos portos de cruzeiros egípcios, especialmente através da participação nas atividades da Associação dos Portos de Cruzeiros do Mediterrâneo (Medcruise), a primeira associação de cruzeiros daquela região.

“O que mais me agrada no meu trabalho é a experiência que adquiri ao lidar com os clientes, quer sejam das agências de navegação, quer sejam armadores que procuram a nossa aprovação para as respectivas atividades”, afirma.

A portuária trabalha em uma entidade governamental: é o Setor dos Transportes Marítimos, que, como ela explica, seria o “guarda-chuva” de todas as autoridades portuárias e da holding de transportes marítimos do Egito.

“Já temos muitas mulheres na nossa organização”, comemora Amany. Elas trabalham como investigadoras, tradutoras, secretárias, relações públicas, recursos humanos, contabilistas, advogadas, analistas de dados. Estão em maior número nos departamentos administrativos, mas, por lá, já alcançam cada vez mais posições superiores, como de diretoras e

chefias de departamentos.

O Porto de Alexandria é o mais antigo do Egito. Opera desde antes de Cristo. “É muito histórico desde a exportação de algodão, quando o Egito foi o primeiro país a exportar algodão no mundo”, comenta.

Hoje em dia, as mercadorias movimentadas pelo porto alexandrino são das mais variadas: carvão, granéis sólidos, cargas containerizadas, carga geral, veículos, sem falar do luxuoso terminal de cruzeiros. “O porto está em pleno desenvolvimento e expansão, principalmente nos terminais de contêineres e terminais multiusos”, diz a especialista.

Apesar de ser o maior e mais antigo, o Porto de Alexandria não é o único porto egípcio. No país, entre os principais, também estão os portos de Damietta, Said, Suez, Adabyia, Safaga e Al Sokhna.

“Na minha posição, recolho anualmente os dados relacionados à atividade de cruzeiros e dados das unidades marítimas que trabalham com cabotagem, ou seja, a navegação costeira entre portos egípcios, de todos os tipos de embarcação”, detalha Amany.

Satisfeita por chegar onde chegou, diante de toda a concorrência que é grande no país – como me contou a egípcia -, o único objetivo profissional que Amany ainda deseja alcançar é poder, um dia, representar os portos egípcios no conselho de administração da Medcruise.

“Uma presença maior de mulheres em qualquer lugar ou posição, no meio profissional, é benéfica”, diz. Ela acredita muito no potencial das mulheres e na forma como elas (nós) lidam (os) com os problemas. “Na nossa região em particular, o empoderamento das mulheres deve ser ativado, uma vez que os problemas econômicos em nossas sociedades impõem a elas que trabalhem para complementar a renda familiar”, afirma a profissional.

Concordamos que as mulheres são fortes, inteligentes, pacientes e muito dispostas a aprender cada vez mais. Essa também é minha amiga Amany, que, assim como todas as mulheres que se dedicam ao mundo portuário, merecem realmente muito mais do que já estão conquistando.

P.S.: Até a próxima semana, com um perfil das minhas amigas portuárias da Jordânia, Wafaa e Samah.

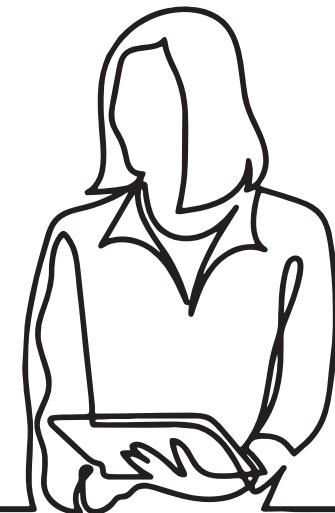
AMANY NÃO APENAS É A ENCARREGADA DA COORDENAÇÃO DAS APROVAÇÕES NECESSÁRIAS PARA A NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM, COMO TAMBÉM RESPONDE PELO MARKETING DOS PORTOS DE CRUZEIROS EGÍPCIOS, ESPECIALMENTE ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO DOS PORTOS DE CRUZEIROS DO MEDITERRÂNEO (MEDCRUISE), A PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO DE CRUZEIROS DAQUELA REGIÃO.

**NÁJIA FURLAN**

jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Karishma Bhavna Gokhool, Porto Luís, Ilhas Maurício



As Ilhas Maurício são um paraíso localizado no Oceano Índico, bem próximo a Madagascar. Do continente africano, o país é o que tem um dos maiores IDH. O turismo é a principal atividade econômica, mas, desde o início dos anos de 2010, a atividade marítima e portuária segue em pleno desenvolvimento.

Nas ilhas, são dois os portos: Porto de Porto Luís (capital do país) e Porto Mathurin (na ilha de Rodrigues). Ambos são administrados pela Mauritius Ports Authority (MPA), que tem sede em Porto Luís. É nessa empresa em que Karishma Bhavna Gokhool trabalha.

Aos 39 anos, Bhavna entrou para a equipe da MPA em 2016. Advogada, atua como gestora dos serviços jurídicos da autoridade portuária. “Meu papel é assistir os demais departamentos em questões jurídicas. Estou envolvida na redação de contratos e documentos jurídicos”, detalha.

Antes de entrar para a MPA, a advogada trabalhava no setor de serviços financeiros, onde permaneceu por seis anos. “Mudei de área à procura de melhores perspectivas de carreira e oportunidades de desenvolvimento profissional”, revela.

Formada em Direito pela Universidade das Ilhas Maurício, Bhavna tem mestrado em Direito Comercial Internacional pela Universidade de Kent (Inglaterra). A profissional ainda é qualificada como “chartered” em Governança (como se fosse juramentada para atuar nessa área) e, desde 2019, é membro associada do Chartered Governance Institute (Reino Unido).

Como o setor portuário é parte essencial da economia mauriciana, a boa governança, como completa a profissional, dá maiores segurança e tranquilidade aos players e contribui para os portos do país serem bem-sucedidos e sustentáveis. “A boa governança é imprescindível para o bom funcionamento dos portos”, afirma.

“Os princípios fundamentais da boa governança incluem Justiça, Responsabilidade e Transparência. Isso é alcançado através do cumprimento de regras e regulamentos, leis nacionais e convenções internacionais”, defende a especialista.

A Autoridade Portuária das Ilhas Maurício tem um quadro com cerca de 550 trabalhadores (mais ou menos como nós, aqui na Portos do Paraná). Desse total, lá, 150 são mulheres. “A maioria delas está na área administrativa”, diz. Mas, lentamente, como conta Bhavna, a presença feminina tem crescido nos portos da ilha, também nas operações e até na área de segurança.

As ilhas têm portos pequenos. Juntos, movimentaram, em 2021, pouco mais de 7,6 milhões de toneladas de cargas, principalmente de importação. Além de passageiros, eles

atendem a cargas containerizadas, granéis sólidos e líquidos e o mercado de pescados.

Sobre este último, tenho que destacar que o país tem uma forte indústria para atender à pesca: além da pesca em si, fazem transbordo de peixe, armazenamento, processamento, triagem, classificação, limpeza, filetagem e enlatamento.

Como garante a Autoridade Portuária das Maurícias, “todas as empresas de produtos do mar sediadas nas Ilhas Maurício operam de acordo com as normas da UE (União Europeia) e estão registradas para assegurar o nível exigido de conformidade alimentar e de segurança dos seus produtos”. A estimativa deles é de que 25% das importações de atum enlatado da Europa sejam provenientes do Oceano Índico, tendo a nação como um dos maiores exportadores.

Como minha amiga Bhavna me contou, a MPA é a única autoridade portuária no país. “Todos os anos, a MPA concede e renova cerca de 150 licenças a agentes de navegação, fornecedores de navios, operadores de carga a granel, empresas de pesca, arrendatários, inspetores marítimos, inspetores de mercadorias, estaleiros, entre outros”, diz.

Segundo a advogada, ao longo dos últimos cinco anos, a autoridade portuária tem atuado para ampliar a movimentação de contêineres e o abastecimento de combustível. E trabalhou na construção de um terminal de cruzeiros moderno e no desenvolvimento de um porto específico para a pesca. “Antes da pandemia da covid, o tráfego de peixe era de cerca de 155 mil toneladas por ano. Mas com a covid, o volume foi reduzido”, completa.

Bhavna gosta muito do seu trabalho. O mais interessante da atuação jurídica nos portos, segundo ela, é elaborar regulamentos e políticas para a área. “Pode ser demorado, mas, ao mesmo tempo, tenho a oportunidade de trabalhar com diferentes departamentos e partes interessadas, tais como ministérios e o Gabinete Jurídico do Estado”, conta.

O trabalho da advogada na MPA é dinâmico, exige cautela e há muita pressão. No entanto, a superprofissional atua colaborando para que os riscos legais sejam mitigados. “Eu espero reunir experiência e conhecimentos e que, um dia, possa trabalhar em projetos conjuntos com outros advogados em outros portos do mundo”, diz.

P.S.: Mulheres tão diferentes. Diferentes atuações, campos profissionais e objetivos. Mas enfrentamos desafios comuns em nosso dia a dia nos portos. Que neste texto, nos anteriores e nos próximos que virão, eu possa estar conseguindo passar um pouco de como superam e avançam essas portuárias.

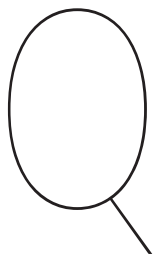
P.P.S.: Não perca o próximo perfil, que será com Amany, do Egito.

AOS 39 ANOS, BHAVNA ENTROU PARA A EQUIPE DA MPA EM 2016. ADVOGADA, ATUA COMO GESTORA DOS SERVIÇOS JURÍDICOS DA AUTORIDADE PORTUÁRIA. “MEU PAPEL É ASSISTIR OS DEMAIS DEPARTAMENTOS EM QUESTÕES JURÍDICAS. ESTOU ENVOLVIDA NA REDAÇÃO DE CONTRATOS E DOCUMENTOS JURÍDICOS”, DETALHA.

08 MARÇO | 2023
DIA INTERNACIONAL
DA MULHER**NÁJIA FURLAN**jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Emaculate Nenchang Asafor, Kribi, Camarões



uem aqui nunca torceu por Camarões em Copa do Mundo? Conhecida como “Os Leões Indomáveis”, essa é daquelas equipes que nos encantam pela humildade, pela alegria, simpatia, mas também pela força e determinação.

Pois são exatamente essas as características que chamaram a minha atenção à colega portuária africana Emaculate, de 48 anos. Formada em Gestão de Portos e Navegação na Universidade Marítima Regional de Accra, Gana, ela trabalha na Autoridade Portuária de Kribi.

Emaculate atua no “Harbourmaster’s Office” daquele porto. Sua função é a de “beachmaster”. Única mulher na atividade, ela atua na coordenação da atracação e da desatracação das embarcações, no controle do tráfego marítimo e terrestre dentro da zona portuária. “É muito desafiador. Muitos pensam que esse é um trabalho operacional só para homens. No meu departamento, por exemplo, somos apenas 3 mulheres. Os outros 40 funcionários são todos homens”, conta.

Antes de seguir contando mais sobre esta leoa do Porto de Kribi, quero localizar um pouco mais este no contexto mundial. Kribi fica na Divisão Oceânica, na região sul de Camarões, no Golfo da Guiné. Conhecida pelas atrações turísticas, principalmente pelas belas praias, a cidade tem 40 mil habitantes. Além da pesca e da cultura do cacau, também tem a portuária como principal atividade econômica. O projeto da zona industrial e portuária local está em pleno desenvolvimento.

Entre os portos africanos, o de Kribi não é dos maiores. A propósito, do país, Douala está entre os dez principais portos do continente. No total, são seis os portos camaroneses: Douala (o mais movimentado), Kribi, Kribi Sul (que movimenta minério de ferro), Limbé, Garoua e Tiko.

Localizado a 35 quilômetros do centro da cidade, o Porto de Kribi tem como principal segmento o dos contêineres. Mas também exporta bastante madeira e importa cevada nos dois berços que tem. Emaculate ainda me contou que – diferente dos portos aqui do Paraná, no Brasil – nos de Camarões, o que eles chamam de “Harbourmaster’s Office” (HMO) é um órgão interno, como uma diretoria, na administração portuária.

O “Harbourmaster” é o capitão dos portos. Em Camarões, é o responsável pelo porto. É a autoridade marítima e portuária. Por isso, em relação a algumas funções, atua como a nossa Diretoria Operacional, adequada às proporções e realidades do porto local.

O HMO, assim como as demais diretorias de caráter mais operacional, fica em áreas mais próximas à zona portuária. Os

demais escritórios, administrativos, estão na área central de Kribi. Em seu departamento, ela é a agente que representa diretamente o “cabeça”, o capitão do Porto de Kribi, nas inspeções. “Inclusive, sou responsável pelo Departamento de Controle de Qualidade e Estatísticas do porto, para manter os indicadores de performance, KPI’s”, afirma.

Emaculate vivia e trabalhava na cidade camaronesa de Bamenda, onde nasceu. Graduiu-se em Medicina Veterinária, mas não chegou a atuar. Não era sua vocação. Foi então que resolveu mudar-se e buscar outro segmento. Foi para Douala, onde estudou Negócios. “Na cidade, meu irmão mais velho atuava na atividade marítima e portuária. E eu costumava acompanhá-lo no trabalho e logo me apaixonei pela profissão. Nessa época eu já me via trabalhando em portos”, lembra.

Em 2011, minha colega decidiu voltar às salas de aula. Foi estudar em Gana, com bolsa de estudos (uma das três que já conquistou na área). “Desde o primeiro dia de aula, eu me esforçava para ser a melhor. Isso aumentaria as minhas chances de ser contratada após a conclusão”, conta.

De retorno a Camarões, em 2018, Emaculate entrou para os portos. “Hoje, sonho em ir ainda mais longe, alcançar posições cada vez mais altas. Chefe de departamento. Por que não capitão dos portos ou até GM (General Manager)?”, diz. Para isso, está fazendo cursos e dando continuidade na sua formação na área marítima e portuária para isso. O curso de Gestão Portuária para mulheres em Le Havre (França) fez parte desse caminho para o futuro. Ainda bem que eu tive a chance de compartilhar esse momento.

“Eu me tomo como exemplo para encorajar as mulheres a se juntarem a mim nesta profissão”, conta. Para isso, Emaculate integra organizações como a Women's International Shipping & Trading Association (Wista) e Women in Maritime Association (Wima), associações internacionais de mulheres que atuam nas áreas marítima, portuária e de comércio exterior.

“Meu principal objetivo, ao integrar essas entidades, é sensibilizar as mulheres que atuam no Porto de Kribi a fazerem cursos na área e se desenvolverem na profissão. Fazemos isso promovendo mulheres internamente, organizando seminários, benchmarkings, conferências e treinamentos”, completa.

P.S.: Eu realmente fico fascinada por histórias como as da Emaculate! Espero que você também esteja curtindo essa série sobre mulheres que atuam em diferentes portos do mundo e que compartilham a missão de fazer aumentar a presença feminina no ambiente marítimo e portuário. Este foi o sexto artigo e outros quatro estão por vir. Na próxima semana, contarei sobre a advogada Bhavna, das Ilhas Maurício.

EMACULATE ATUA NO “HARBOURMASTER’S OFFICE” DAQUELE PORTO. SUA FUNÇÃO É A DE “BEACHMASTER”. ÚNICA MULHER NA ATIVIDADE, ELA ATUA NA COORDENAÇÃO DA ATRACAÇÃO E DA DESATRACAÇÃO DAS EMBARCAÇÕES, NO CONTROLE DO TRÁFEGO MARÍTIMO E TERRESTRE DENTRO DA ZONA PORTUÁRIA. “É MUITO DESAFIADOR. MUITOS PENSAM QUE ESSE É UM TRABALHO OPERACIONAL SÓ PARA HOMENS. NO MEU DEPARTAMENTO, POR EXEMPLO, SOMOS APENAS 3 MULHERES. OS OUTROS 40 FUNCIONÁRIOS SÃO TODOS HOMENS”, CONTA.

**NÁJIA FURLAN**

jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Claire Ploneis, Le Havre, França



Eu não poderia, de maneira alguma, encerrar esta série sobre a jornada das mulheres portuárias que conheci durante o curso em Le Havre, na França, sem falar da nossa anfitriã. Por isso, hoje vou contar um pouco mais sobre a Claire.

Porém, antes de começar de fato, tenho outra novidade para compartilhar. Este seria mesmo o último texto, mas não será. O editor aqui do BE News me convidou para estender até o final de semana que antecede o Dia das Mulheres (8 de março). Aceito!

Então, além deste, teremos mais três perfis delas - todas brasileiras. Os dois próximos eu já adianto: a prática Vanessa Moraes e a professora e pesquisadora do Departamento de Engenharias da Mobilidade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Vanina Macowski Durski Silva.

Agora, voltando à França...

Claire Ploneis tem 47 anos e, atualmente, comanda o Instituto de Ensino e Pesquisa Portuária (Iper). Com sede em Le Havre, cidade onde também está o maior porto francês, o Iper é reconhecido internacionalmente pela perícia em navegação e pela formação profissional para a indústria portuária. Agora, pelo menos de minha parte, ganha ainda maior reconhecimento por ter como head, na Normandia, essa super profissional.

Claire é formada e tem mestrado II em Logística Internacional pela Faculdade de Assuntos Internacionais da Universidade de Le Havre. Além de chefiar o Iper, ela atua como coach de estudantes em projetos de sustentabilidade e de desenvolvimento comercial. Ou seja, forma novos profissionais em nosso campo de atuação.

“O meu trabalho no Instituto consiste em criar, organizar e coordenar as formações oferecidas. Também promovo os nossos diferentes serviços a empresas e organizações, dentro e fora da França”, conta.

No mundo portuário e marítimo, a experiência profissional desta mestra em Logística começou no Gabão, como agente marítima, aos 21 anos. “Como especialista em Logística, reestruturei os departamentos de importação e exportação. No país, tive um papel comercial, operacional e logístico”, detalha Claire.

Do Gabão, ela foi para a Costa do Marfim, onde ficou

responsável pelo departamento de campos petrolíferos de um fornecedor de logística. A crise política e a insegurança naquele país africano fizeram com que ela tivesse que regressar à França.

No país de origem, Claire trabalhou para um armador de navios ro-ro, antes de voltar para a academia. “Eu sempre fui apaixonada pelos navios e pelo ambiente marítimo. Acho que era por isso que todas as relações sempre foram, para mim, muito naturais, sem diferença entre homens e mulheres”, garante.

Uma combinação de circunstâncias, segundo ela, a levou ao Iper, assim que a empresa onde trabalhava fechou. “Uma estrela da sorte acima da minha cabeça e, finalmente, uma continuidade lógica da minha carreira. Comecei no setor dos transportes e logística, tendo depois continuado a formação. Hoje encontro-me à frente de um serviço de formação exatamente na área portuária e marítima”, diz.

Quando perguntei o que, exatamente, a atrai nesse universo acadêmico e de formação de futuros profissionais da área, Claire diz que gosta de conhecer pessoas, debater ideias, transmitir e receber conhecimento e cultura. “Isso é muito gratificante. Além do fato de que a educação é a base para um mundo e uma logística melhor”, afirma.

E, pelo que entendi, é no Iper que estão todos os objetivos profissionais de Claire. Especialmente o de promover o Porto de Le Havre para o mundo. “O que digo a todos os estudantes, e não apenas às mulheres, é que escolham o trabalho que sonham. A melhor maneira de fazer bem é fazer apaixonadamente o seu trabalho”, afirma.

Sobre as mulheres nesse ambiente marítimo e portuário, Claire fala da doçura que elas trazem às relações profissionais. Porém, também garante que as mulheres profissionais têm uma perspectiva mais pragmática do que os homens.

Sobre a 19ª edição do curso Mulheres na Gestão Portuária, a colega francesa diz que gostou muito de partilhar com todas as 21 mulheres as diferentes perspectivas de vida, culturas e práticas portuárias. E sobre a 20ª edição, neste ano, ela adianta que será apenas para portuárias de países francófonos, mas novamente sediada em Le Havre, de 12 a 23 de junho.

Se você quiser saber mais sobre esse e outros cursos oferecidos pelo Iper, é só clicar em <https://www.em-normandie.com>. O site tem tradução inclusive para o português.

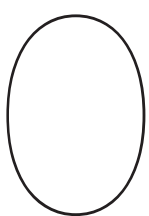
ALÉM DE CHEFIAR O IPER, ELA (CLAIRE) ATUA COMO COACH DE ESTUDANTES EM PROJETOS DE SUSTENTABILIDADE E DE DESENVOLVIMENTO COMERCIAL. OU SEJA, FORMA NOVOS PROFISSIONAIS EM NOSSO CAMPO DE ATUAÇÃO.

08 MARÇO | 2023
DIA INTERNACIONAL
DA MULHER**NÁJIA FURLAN**

jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Vanessa Moraes, Paranaguá, Brasil



O litoral do Brasil tem quase 8 mil quilômetros de extensão. Se somarmos a essa conta o tamanho dos nossos rios economicamente navegáveis, são mais 19 mil quilômetros que podem ser percorridos por embarcações.

Em toda essa água, existem mais de 250 instalações portuárias, entre públicas e privadas, marítimas e fluviais. Zonas de Praticagem são 20 no total, incluindo a maior do mundo, a ZP- 01, na Amazônia, que atravessa três estados e na qual o serviço pode durar mais de três dias, com dois práticos se revezando a bordo no passadiço.

Para garantir que as embarcações transportem com segurança as cargas que chegam e saem entre as diversas regiões do País e de fora, atuam no Brasil 616 práticos.

De todos esses profissionais, são apenas 14 mulheres a conduzirem os navios por áreas abrigadas, levando para ou trazendo de terminais, passando por canais de acesso, atracando ou desatracando.

Vanessa das Graças Moraes, de 38 anos, é filha de agricultores. Natural de Altônia, interior do Paraná, é uma dessas peritas nas peculiaridades geográficas do porto e do mar aqui nos portos de Paranaguá e Antonina.

Ela é formada como bacharel em Ciências Náuticas pela Escola de Formação dos Oficiais da Marinha Mercante, no Centro de Instrução Almirante Graça Aranha, Rio de Janeiro. Durante os quatro primeiros anos de atuação profissional, navegou como piloto em navios do tipo tanque de uma empresa estrangeira chamada Teekay. Navegou pela costa brasileira e também passou por portos no Caribe, na Espanha, na China e em Singapura.

Como ela mesma costuma dizer, sua relação com a atividade marítima é de alma. Afinal, a cidade do interior onde nasceu e viveu na área rural fica a quase 800 quilômetros distante do mar do estado. Mas Vanessa desejou, buscou e realizou.

“Assim que terminei o Ensino Médio, eu trabalhava em uma papelaria. Meus colegas da época me ajudaram a encontrar, na lista telefônica, o contato da Capitania dos Portos do Paraná”, conta.

O que ela buscava era saber de que maneiras poderia ingressar na Marinha do Brasil. Foi com as instruções recebidas nessa primeira ligação que ela chegou à Escola de Formação dos Oficiais da Marinha Mercante.

A formação lhe permitiu começar a exercer funções a bordo como oficial, mas foi o apoio e o encorajamento de uma prática, a Michele, do Rio de Janeiro, que a impulsionou a tentar a prova para a praticagem. O “empurrãozinho” deu certo.

Em 2012, ela tentou e passou no concurso. Foi no Porto de Natal. Lá fez o período de treinamento, mas não chegou a assumir. Quando soube da vaga para a Praticagem de Paranaguá, fez novamente a prova e, mais uma vez, teve êxito.

Em 2014, fez novo treinamento no Paraná e, em 2015, aí sim, deu início à carreira.

Como define a legislação que norteia as atividades da Autoridade Marítima no Brasil (a Lesta), “o serviço de praticagem consiste no conjunto de atividades profissionais de assessoria ao comandante requeridas por força de peculiaridades locais que dificultem a livre e segura movimentação da embarcação” (Artigo 12).

Para exercer essa função, como detalha a prática, existe toda uma estrutura de pessoal, comunicação e transporte da praticagem local, a Paranaguá Pilots. “Os práticos se dividem por escalas semanais para exercer essa atividade que é ininterrupta”, afirma Vanessa.

A profissional acredita que é o curso da história e a tardia inserção da mulher no mundo do trabalho que determinam que haja mais homens do que o público feminino nessas e em outras funções. Porém, ela vê que, de uma forma natural, as mulheres estão ocupando cada vez mais espaços. “Sei que a presença de mulheres nessa nossa função ainda causa estranheza, mas acredito que, aos poucos, isso vá passando. Afinal, a mulher já provou que é capaz”, comenta.

A mulher, como ela diz, traz equilíbrio e mediação às mais diversas profissões. Porém, o conjunto sabedoria-paciência, segundo Vanessa, é o que é preciso para que as profissionais de hoje e as futuras possam compreender que essa presença feminina em ambientes antes dominados exclusivamente por homens exige tempo. “E, é claro, posicionamento e segurança”, completa.

Em 2020, Vanessa também se formou em Direito. Mesmo já estando no ápice das conquistas profissionais, advogar “de leve” é uma intenção. Porém, a verdadeira pretensão é realizar a que era sua segunda opção de carreira: a de cantora. A propósito, ela não só gosta de cantar, como tem até canções autorais. E quem quiser curtir, pode acompanhar pelo YouTube e Spotify: Cherry, de Vanessa Moraes.

“Eu tive sonhos. Eu tive objetivos. Mas as conquistas e realizações desses sempre foram divididas. Eu as divido com Deus e com meus pais. Eu sou o resultado da boa criação que eles me deram. Fiz uso e agradeço muito o que deles recebi”, conclui.

Não sei você, mas eu fico realmente inspirada com tamanha força de vontade. São mulheres como Vanessa, como todas as demais sobre as quais já falei aqui até agora e, certamente, como muitas outras que ainda nem tive a chance de conhecer, que nos apoiam a ir ainda mais longe, a conquistar ainda mais espaço.

Viva Vanessa! Viva elas! Viva nós!

PARA GARANTIR QUE AS EMBARCAÇÕES TRANSPORTEM COM SEGURANÇA AS CARGAS QUE CHEGAM E SAEM ENTRE AS DIVERSAS REGIÕES DO PAÍS E DE FORA, ATUAM NO BRASIL 616 PRÁTICOS. DE TODOS ESSES PROFissionais, SÃO APENAS 14 MULHERES A CONDUZIREM OS NAVIOS POR ÁREAS ABRIGADAS, LEVANDO PARA OU TRAZENDO DE TERMINAIS, PASSANDO POR CANAIS DE ACESSO, ATRACANDO OU DESATRACANDO.

**NÁJIA FURLAN**

jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Vanina Macowski Durski Silva, Joinville, Brasil



Eu não sei você, mas eu acredito muito na pesquisa. Para mim, a academia não apenas ajuda na construção de conhecimento como também, e principalmente, traz soluções para problemas reais da comunidade e ajuda a melhorar processos em todas as áreas, seja qual for a ciência.

Estou falando disso aqui, nessa série sobre mulheres em portos, porque a própria profissional desta semana me disse assim: “como professora, tenho uma ambição de fomentar um ecossistema de inovação portuária. Quero ministrar cursos, treinamentos, especializações, linhas de mestrado, tudo voltado para a área. Tudo para tentar enriquecer a formação do profissional que vai atuar na área”.

Ela atua na UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, e é a professora Vanina Macowski Durski Silva, engenheira de produção agroindustrial com mestrado e doutorado na área de concentração Logística e de Transportes. É uma pesquisadora de portos!

Vanina tem 42 anos e, apesar de hoje ser destaque na pesquisa pelo Estado de Santa Catarina, é nascida em Campo Mourão, no Paraná. Ela sempre foi professora. Começou a lecionar aos 20 anos, ensinava Inglês enquanto ainda cursava a faculdade. Quando chegou a época de fazer estágio, ela conta que se lembrou de, um dia, ter passado na companhia do pai, que era agrônomo, em frente à uma fábrica no Estado Goiás: era a Perdígão Agroindustrial em Rio Verde. “Era enorme e eu pensei: ‘um dia eu quero trabalhar aqui’”, lembra.

Ela desejou e conquistou. Em duas semanas, Vanina já foi conhecer a fábrica. Definiu o tema do trabalho de conclusão e, dois meses depois, lá estava para seis meses de estágio como engenheira de produção no setor. Encerrado esse período de formação, ela foi convidada para ser líder de produção da empresa. “Era uma equipe de 70 pessoas”, diz.

O contato com a docência universitária teve início após ela concluir, no Estado de Goiás, uma especialização em agronegócios. Ela só foi para Santa Catarina na companhia do marido, natural de lá, também engenheiro de produção na Perdígão. Ele tinha planos de voltar ao Estado para cursar um mestrado. Ela resolveu acompanhar.

De volta ao Sul, ela atuou na agroindústria da região de Florianópolis e também em um frigorífico, mas decidiu migrar totalmente para a vida acadêmica. Foi para o mestrado e, na pesquisa, optou pela área da Logística Portuária.

No tema, concluiu o mestrado e também doutorado e pós-doutorado e ingressou como professor titular, concursada, na área de Engenharia de Produção, primeiro na Universidade Tecnológica e depois na UFSC.

O primeiro trabalho dela na área foi sobre “Teoria das filas aplicada ao Porto de Itajaí, Santa Catarina”. O assunto já rendeu à pesquisadora destaque e convites para palestras e, dali em diante, nunca perdeu o foco da logística e estratégia portuária. Sempre com demandas aplicadas ao setor, a tese de mestrado dela foi sobre o problema de alocação de navios em berços.

“O tema ainda não era muito popular no Brasil. Acredito que o meu trabalho tenha sido um dos primeiros publicados aqui”, diz. Com isso, o nome da pesquisadora foi ganhando ainda mais destaque.

Virou referência da pesquisa no setor portuário, dentro e fora do País. Fez consultoria para os portos de Navegantes, Itajaí, Itapoá e até já fez pesquisa na área na Alemanha, apresentou artigos no MIT e também em Portugal e na Noruega.

“Como engenheira, existe uma gama enorme de áreas que posso pesquisar. Eu pesquiso sobre roteirização de transporte, sobre logística de um modo geral, mas as áreas de que eu sou mais fã e que atraem bastante aluno, principalmente de Engenharia Naval, Engenharia de Transporte e Logística, é a Logística Portuária”, conta.

Vanina dá aula na disciplina de Transporte marítimo e Cabotagem. Fala de “Smart ports”, physical internet e segue desbravando os diversos fatores que levam à escolha por determinado porto.

“O meu papel como professora, dentro da universidade, é também dar segurança aos futuros profissionais, especialmente às mulheres”, diz. Muitas delas, como afirma a professora, se interessam, desenvolvem projetos de iniciação científica com temas ligados à Logística Portuária e acabam atuando na área. Além do objetivo de que eu já falei lá no início, de fomentar um ecossistema de inovação portuária, e de dar ainda mais destaque ao departamento de Engenharias de Mobilidade da UFSC de Joinville, Vanina quer publicar um livro didático para a disciplina que seja um material de referência para a área no Brasil, em outras universidades e até fora da academia.

“Quero continuar o trabalho que venho fazendo de empoderar meus alunos para que acreditem em seus potenciais, para poderem atuar em qualquer área que escolherem, mas, é claro, mostrando como poderiam investir na área marítima e portuária”, afirma a educadora.

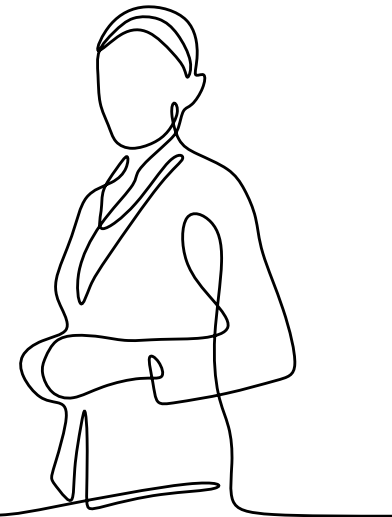
Como conclui Vanina, o mercado carece de pessoas boas e capacitadas. E é para suprir essa necessidade da área marítima e portuária que a profissional se dedica há 16 anos. E tenho certeza que, com tanta paixão e dedicação à área, a profissional incentiva muitas mulheres do segmento e, especialmente, as filhas, a Gabriela e a Vitória, respectivamente de 5 e 8 anos, que têm um bom exemplo para seguir.

“QUERO CONTINUAR O TRABALHO QUE VENHO FAZENDO DE EMPODERAR MEUS ALUNOS PARA QUE ACREDITEM EM SEUS POTENCIAIS, PARA PODEREM ATUAR EM QUALQUER ÁREA QUE ESCOLHEREM, MAS, É CLARO, MOSTRANDO COMO PODERIAM INVESTIR NA ÁREA MARÍTIMA E PORTUÁRIA”, AFIRMA A EDUCADORA.

08 MARÇO | 2023
DIA INTERNACIONAL
DA MULHER**NÁJIA FURLAN**jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

De mulher para todos – com Luciana Guerise, Santos/Brasil



Quando eu comecei a escrever esta série de textos sobre mulheres que se destacam no segmento marítimo e portuário, o meu objetivo era simples.

De maneira singela, a ideia era compartilhar um pouco sobre as incríveis colegas que tive a honra de conhecer no curso em Le Havre, França. Em uma convivência curta, de apenas uma semana, conheci a Tati, a Ana Carolina, Ajan, Shimla, Imaculate, Bhavna, Samah, Wafa, Victoria, Claire, e outra dezena mais. A paixão com a qual elas falavam das respectivas atividades me inspirou demais. O modo como esse grupo, em especial, se motivava e se orgulhava mutuamente foi muito cativante.

Esses dias com elas me fizeram refletir sobre qual é, realmente, o nosso papel neste debate. Somos vistas? Reconhecidas? Estamos devidamente posicionadas de acordo com o que nos cabe? Isso cabe a nós, somente?

Equidade de gênero não é, nem deve ser, um papo entre elas. Aqui, de mulher para quem quiser ler: é um assunto de todos. Quem me fez esse alerta foi Luciana Cardoso Guerise, de 49 anos, mestre em Gestão de Negócios Portuários, vice-presidente da Women's International Shipping and Trading Association (Wista) no Brasil.

Apesar de um contato breve e distante, por poucas mensagens ela me deu uma aula. Luciana me motivou ainda mais a me aprofundar nesse tema. “A semente é cultural. Existem culturas empresariais que permitem que as empresas sejam menos tradicionais e criem rupturas sociais”, me falou.

Ainda nas palavras dela, “não existe risco para o negócio, mas a mudança do mindset não se faz do dia para noite”. Os passos são lentos. “Existem empresas bem adiantadas no assunto, outras não. O S do ESG ainda requer atenção”, continua a Wister.

Como lembra Luciana, dentre os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, o de número 5 diz respeito, exatamente, à equidade de gênero. “A regra está posta, mas nem por isso implementada. Não são apenas as mulheres que devem ajudar ou exigir essa prática, isso é um trabalho de todos”, afirma.

Guerise está na atividade portuária há mais de 20 anos. Começou como estagiária na Diretoria Comercial do Porto de Santos, em 2002. À época, como conta a portuária, o diretor era o recém-nomeado secretário nacional de portos, Fabrizio Pierdomenico. “O trabalho tinha foco na remodelação de um novo Plano de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto de Santos, o PDZ. O que me atraiu foi a importância do projeto. A diretriz tinha que ser remodelada de forma participativa, envolvendo todo o setor portuário”, lembra Luciana.

Com êxito nesse e em todos os demais projetos no qual esteve envolvida, por muito estudo e dedicação, a profissional conta que a atividade portuária atrai por unir políticas públicas a economia, sociologia, tecnologia e meio ambiente.

Além de portuária, Guerise é professora. “Ao mesmo tempo em que aprendia, eu ensinava”, diz. Ela foi a responsável pela criação do Laboratório Portuário da Universidade Católica de Santos (UniSantos) e coordenou o Curso de Tecnologia em Gestão Portuária. “Ultimamente, me aplico à academia apenas em curso de pós-graduação na área da regulação do setor”, afirma.

A terceira atividade à qual Luciana se dedica concomitantemente é a vice-presidência da Wista Brazil. Esta, para quem ainda não conhece, é uma associação de nível internacional que possui, inclusive, assento consultivo na Organização Marítima Internacional (IMO). Existe desde 1974. Está presente em 54 países e tem como associadas cerca de 3.800 mulheres, em C-Level (executivos seniores mais altos de uma empresa). “O principal trabalho da associação é o networking entre mulheres que atuam na área. Conseqüentemente, como não poderia deixar de ser, o nosso maior propósito é apoiar as mulheres para a equidade de gênero no setor”, explica.

Neste ano, a Wista Brazil comemora sete anos de idade. Atualmente, segundo dados da entidade, são quase 150 associadas que atuam, voluntariamente, pela causa no País.

Ao citar o objetivo da Wista, Luciana lamenta que “o setor engatinha para a equidade de gênero, principalmente nas áreas de decisão - diretoria e C-Level - e, muito mais, nas áreas operacionais”. Para ela, o incentivo à equidade de gênero passa principalmente pela percepção do corpo diretivo. “Enquanto não existir um olhar efetivo para essa causa, dificilmente as empresas conseguirão positivar vagas para mulheres e, por consequência, não atingirão os indicadores de performance de sustentabilidade. O mundo mudou. A mentalidade deve mudar também”, diz.

Realizada profissionalmente, Luciana conta que sua missão pessoal é transformar o que ainda é visto como obstáculo. “E não falo apenas da equidade de gênero, mas da diversidade e da inclusão social, que são o maior legado que podemos deixar às próximas gerações”.

Afirmando que são necessárias boas referências às profissionais iniciantes no segmento, a dica que Luciana deixa para as mulheres do setor é a seguinte: “qualificar-se é sempre o melhor caminho para tudo. Equidade de gênero é perseverar”.

Sugestão de leitura: Você tem que conferir a coletânea “Por Elas”, que reúne 33 artigos técnicos, escritos por associadas da Wista Brazil que integram o grupo de trabalho de Shipping, Portos e Comércio Internacional. O livro, a propósito, foi organizado por Luciana Guerise e pela professora doutora Flávia Nico, da Secretaria Nacional de Portos. Está sendo lançado neste mês das mulheres.

E mais uma sugestão de fonte para consulta: Luciana indica o trabalho “He for she”, da ONU. Segundo ela, trata-se de um esforço global para envolver homens e rapazes na remoção de barreiras sociais e culturais que impedem mulheres de atingir seu potencial e organizar juntos (homens e mulheres) uma nova sociedade.

“A IGUALDADE DE GÊNERO NÃO DESENVOLVE A ATIVIDADE MARÍTIMA,
MAS DESENVOLVE O QUE ESTÁ POR TRÁS DELA, O DIREITO HUMANO!”
LUCIANA GUERISE, VICE-PRESIDENTE DA WISTA BRAZIL

**NÁJIA FURLAN**

jornalista e coordenadora de Programas
Institucionais da Portos do Paraná
opinio@portalbenews.com.br

► SÉRIE MULHERES

Mulheres inspiradoras



A credito, de verdade, que todo mundo tem uma mulher em quem se inspirar! ELA, seja pela atuação profissional, seja pelo comportamento ou, simplesmente, pelo jeito de ser e se posicionar na vida.

Nesse quesito, eu nasci abençoada, em uma família de mulheres inspiradoras. Minhas duas avós, materna e paterna, eram mulheres fortes. A avó paterna, Trindade, espanhola brava, firme, verdadeira mulher de negócios. Comprava. Vendia. Negociava. Não passava apertado, não. Desaforo, com ela não vingava.

A materna, apesar do nome Suria (Síria, em árabe), era libanesa. Única mulher de uma prole de oito filhos. Ela não vendia, não comprava, não fechava negócios, mas costurava e ria como ninguém. Fazia um vestido “em uma sentada”. Passou por não poucas, tampouco boas nessa vida, mas me inspirava o seu bom-humor. Nunca deixou de sorrir e, com essa leveza, sustentava todos ao seu redor.

Tias. Mãe. A graça de ter duas irmãs. Comadre. Afilhada. Muitas professoras inspiradoras. E, desde quando iniciei minha vida profissional, sempre tive contato com mulheres nas quais pude me espelhar. Inclusive já trabalhei com uma das primeiras repórteres investigativas, da editoria policial, do Paraná.

Até quando estive em trabalho voluntário no Haiti, ELAS sempre estavam lá. Aqui, aliás, vale a pena me alongar um pouco mais. Fui voluntária com as irmãs, freiras, catalãs da congregação das Carmelitas de Vedruna. Vivi com três delas por 60 dias lá no país da América Central: Núria, Carmen e Isabel.

A cidade era Fonds Parisien, com cerca de 35.000 habitantes. O “bairro” era Kou de Pinganot (só aqui, há mais de seis mil pessoas). Com as três Vedrunas, eu me impressionava todos os dias com tanto trabalho e dedicação. Lá, sozinhas, as três desenvolviam vários projetos com a comunidade – inclusive criaram uma granja comunitária, tocada apenas por mulheres do bairro. Elas eram mulheres fortes, integradas e muito capazes - profissional e espiritualmente preparadas.

Que sorte a minha, porque, ao longo desses 18 anos de

profissão, sempre foi assim. Porém, confesso que, no ambiente marítimo e portuário, isso fica ainda mais forte. Afinal, é inegável que nessas áreas, em especial, a presença feminina ainda não é tão grande quanto poderia – e teria tudo para ser, da operação do cais até o cargo mais alto da gestão das grandes empresas que atuam no segmento.

Tatiana. Ana Carolina. Ajan. Shimla. Emaculate. Bhavna. Amany. Samah. Wafa. Victoria. Claire. Vanessa. Vanina. Fernanda. Luciana. Shana. Núria. Patrícia. Bruna. Chimene. E muitas outras que tive a honra de conhecer pessoalmente ou, de longe, pelo trabalho e dedicação à logística e à infraestrutura brasileira e mundial.

Espero que meus textos aqui, no BE News, tenham atingido o propósito de destacar, valorizar e incentivar as mulheres a seguirem com tudo, se essa for a vontade, ou vocação.

Que nós, mulheres da área, possamos perseverar, crescermos juntas e, conosco, trazermos muitas outras mais. Que possamos, nós mesmas, sermos espelho e inspiração para ELAS e para também para ELES, os nossos colegas, nossos diretores, gerentes, coordenadores, a entenderem e virem conosco nessa causa, por um ambiente mais igualitário. O que será infinitamente melhor para todos!

Melhor do que uma mulher te incentivando a seguir adiante, é poder contar com várias pessoas unidas pela promoção da equidade de gênero no setor e, exatamente, pela redução “desse gap” que existe, especialmente, nas posições de liderança da área.

Está aí um bom presente para mais um 8 de março. E a todas nós, que tenhamos, neste “Dia da Mulher”, a certeza de que não há data marcada, nem tempo de validade para chegarmos onde queremos estar e nos destacar.

Não tenho certeza se inspiro outras pessoas ou não, mas, a essa altura, estou mais do que certa de que coleciono muitas histórias de mulheres inspiradoras – dentro e fora dos portos – para contar.

Obrigada pelo espaço e até uma próxima!

TIAS. MÃE. A GRAÇA DE TER DUAS IRMÃS. COMADRE. AFILHADA. MUITAS PROFESSORAS INSPIRADORAS. E, DESDE QUANDO INICIEI MINHA VIDA PROFISSIONAL, SEMPRE TIVE CONTATO COM MULHERES NAS QUAIS PUDE ME ESPELHAR. INCLUSIVE JÁ TRABALHEI COM UMA DAS PRIMEIRAS REPÓRTERES INVESTIGATIVAS, DA EDITORIA POLICIAL, DO PARANÁ.